

Chris HL

VESTÍGIOS





Capítulo I

ALISSYA

Alissya estava sentada, inerte em seus pensamentos, próximo à piscina natural de águas verdes claras, dentro da gruta na qual vivera toda a vida. Era uma filha bastarda do rei e perdera sua mãe quando nasceu.

Seu pai, querendo mantê-la escondida, colocou-a nessa câmara secreta cuja passagem se encontrava dentro da biblioteca real do palácio. A entrada, feita numa parede de pedras, no final do segundo corredor de prateleiras, era quase imperceptível, devendo o portador ser usuário de magia para poder abri-lo.

Dezessete anos, nem mais e nem menos, era o tempo que ela estava lá. Fora levada quando nascera e tudo o que conhecia do mundo lá fora era consequência das poucas fugas que realizara. Ela sempre voltava antes que percebessem sua presença, e a maioria de seu tempo lá era solidão e

abandono.

— Mais um aniversário se passou e meu pai nem veio me ver. — Com os pés na água produzindo ondulações, a jovem se deitou e deu um longo suspiro. — Quero sair daqui! Se eu pudesse ao menos ver o Miridar...

Miridar era filho de um empregado que, sem querer, descobrira o lugar secreto há alguns meses. Era dois anos mais velho que a princesa e desde que a viu pela primeira vez, começou a retornar ali em secreto quase todos os dias, na hora de recolher.

Era o único amigo da princesa e também seu primeiro amor secreto. Ela não tinha coragem de lhe dizer isso, mas todos os dias aguardava ansiosa para vê-lo e poder conversar com ele.

— É meu aniversário e ele prometeu que ia me ver. — Ela estava impaciente e não era para menos. Ele nunca faltava ou se atrasava, então ela estava preocupada. — Se ele não vem a mim... vou até ele.

Pondo-se de pé em um salto, foi até a passagem na parede, concentrando sua energia mágica no brasão real de seu país, chamado Nizla. Esse brasão consistia num guerreiro com asas, e por trás havia a imagem de três círculos ligados e um triângulo no centro que representa o planeta deles, denominado

Halis.

Ela não tinha ideia ainda, mas naquele momento havia uma festa no pátio do palácio, e esgueirando-se pelos corredores, uma figura um tanto suspeita. Sem ser percebida, Alissya caminhou em direção à música.

Lá na festa estava o pai dela, o rei Garyos e sua esposa real, Perla, que era uma boa esposa e uma pessoa maravilhosa. Embora Alissya não a conhecesse, por muitas vezes observou Perla à distância, admirando o jeito terno como ela tratava a todos. Casou-se com o rei dois anos após o nascimento de Alissya e desconhecia a verdade por trás da história.

Alissya ficou olhando por trás do vidro da janela, encantada com o que via. Nunca tinha visto tantas pessoas juntas, dançando, cantando e devorando deliciosas iguarias. Aos olhos de Alissya, parecia um festival comemorativo e a animação que ela via do lado de fora era contagiante e fazia o coração dela vibrar.

Qual era o motivo de tanta euforia? A que se devia dessa comemoração? Alissya se perguntou isso várias vezes e começou a sentir um vazio. Ela nunca era convidada para nada e tinha uma imensa

vontade de estar ali, no meio deles. Apesar disso, era uma jovem obediente e mesmo seu pai sendo ausente, ela o amava e respeitava.

Dentre todos, só havia um rosto que ela queria encontrar. Ela olhou através daquela janelinha por alguns minutos antes de procurar em outra janela, mudando o ângulo de vista. Desta vez a missão foi um sucesso e lá estava ele.

— Miridar...

O rosto da princesa se encheu de lágrimas. Miridar estava dançando alegremente com uma bela garota, de cabelos negros que iam até os ombros, pele branca e um rosto arredondado. Ela era alta como ele e muito bonita. Ao fim da música, Miridar abraçou forte a jovem com quem dançara e deu-lhe um beijo, sendo prontamente retribuído.

Era a primeira decepção amorosa de Alissya e provavelmente a última. A figura estranha que rondava o palácio a tinha visto. Talvez fosse melhor para ela se tivesse sido encontrada antes de ter seu coração partido.

Foi nesse exato momento que ela foi apunhalada pelas costas com uma adaga afiada. De imediato, usou um feitiço para repelir a adaga e a pessoa que a acertara, mas já era tarde demais.

— Achei que era só boato, mas então o rei teve uma filha mesmo. Não achei que seria tão fácil encontrá-la. — disse uma voz feminina carregada de sarcasmo. — Perla não consegue dar filhos ao rei. Com sua morte não haverá quem possa assumir o trono e então os meus planos poderão se concretizar.

— Eu não sei quem você é nem o que eu fiz para merecer tamanha dor. — Alissya deu alguns passos para o lado da mulher encapuzada, enquanto seu sangue escorria para o chão. A adaga estava envenenada, e com um feitiço de paralisia que era impossível reverter por conta própria. Era questão de segundos para ela desabar sem movimentos, e questão de minutos para que o veneno se espalhasse por todo o corpo parando seu coração. — Eu não te fiz nada, nem a você e nem a ninguém. Por que precisei passar por tudo isso?

Lágrimas não paravam de escorrer em sua face. Pela primeira vez, um sentimento de revolta invadiu seu doce coração. Tamanha dor já não cabia dentro dela, e tudo o que ela sentia naquele momento era raiva.

Tendo uma força e poder que ninguém conhecia, desapareceu e reapareceu atrás da assassina, usando

de imediato uma magia de julgamento. Ela era a única que podia fazer isso... era parte de seu dom pessoal. Foi então que a assassina foi julgada culpada e seu coração parou de bater.

Alissya caminhou alguns passos até a janela, para ver pela última vez o rosto de seu amado e de seu pai.

— Sei que estão se divertindo e seria inoportuno eu pedir para virem aqui me salvar. Nem tenho forças para isso...

De todas as inúmeras vezes que chorara, esta era a mais dolorosa. Cedendo à magia de paralisia caiu para trás, ao lado do corpo da mulher encapuzada. Ela sentia o veneno se espalhando, mas não havia nada que ela pudesse fazer sozinha.

Ficou suplicando em silêncio por uma ajuda que não vinha e também não conseguia moldar e estender sua magia para enviar uma mensagem telepática. Estava paralisada e impossibilitada, até que seus olhos começaram a se fechar.

— Por quê? — se perguntou em pensamento. — Não pude conhecer o mundo, não pude brincar com meus amigos porque não tive a oportunidade de fazê-los. Queria ter tido uma infância normal e ter recebido o amor de uma família. Não pude

PERIGOSAS NACIONAIS

conhecer o amor verdadeiro e nem ter a minha própria família. Não sinto que vivi, já que minha vida se resume a mim e mais nada. Queria ter visto mais... ter sentido mais. Queria ter podido sorrir em meus aniversários em vez de chorar.

Em seu último sopro de vida, ela fez algo que jamais pensou que faria. Concentrando o restante de sua energia vital, sufocou-a para que então expandisse e voasse para longe. Era uma magia negra!

Seu corpo, agora sem vida, estava ao lado do corpo de sua assassina. Somente horas depois descobririam o que aconteceu e toda a verdade viria à tona. O rei perdera sua única filha e a chance de ter vivido com ela. Duras lágrimas ainda iria derramar...

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo II

LINCY!

— **L**incy Carvalho de Freitas... Venha até aqui agora!

— Me chamando pelo meu nome completo de novo, mãe? Fiz algo errado?

— Não acredito que você passou na Universidade Federal e nem me falou! Ia me contar quando?

— Ah... Isso nem eu sabia. Da última vez que eu olhei na internet, os resultados não tinham saído ainda.

— Seu pai me ligou agora a pouco contando que você passou em primeiro lugar. Isso não é maravilhoso?

— Primeiro? Sério?

— Estou tão orgulhosa de você! Seu pai e eu vamos fazer um churrasco aqui em casa no fim de semana para comemorar. Vamos chamar alguns parentes, e você pode convidar seus amigos, minha

PERIGOSAS ACHERON

filha. Você merece!

— Obrigada, mãe, mas não é para tanto.

— Como que não? Se seu irmão tivesse metade da capacidade que você tem...

— Ele é muito novo ainda, e se esforça como pode.

— Eu sei... e tenho muito orgulho dos meus dois lindos filhos.

Lincy era uma jovem de porte médio, cabelos compridos e lisos de cor castanho escuro, olhos cor castanho mel e pele clara. Aparentemente era uma garota comum como qualquer outra, porém, em sua mente se escondia um grande potencial.

Desde pequena, foi uma garota estudiosa e aplicada. Tinha uma facilidade imensa para aprender e, mesmo assim, não se contentava apenas com o que lhe era ensinado em aula. Queria saber sempre mais.

Ela nascera numa pequena cidade de interior no Sul do Brasil. Enquanto Catarina estava grávida de Lincy, passou por alguns problemas de saúde. Foi uma gravidez de risco e os médicos achavam que a bebê nasceria morta, mas por um milagre, ela nasceu forte e saudável.

Cerca de dez anos depois, nasceu Hugo, o

irmãozinho caçula. Agora a família estava completa e muito feliz. Tinham uma vida simples e por algum tempo passaram dificuldades até que, alguns anos mais tarde, Guido, pai de Lincy, recebeu uma proposta de emprego no estado do Espírito Santo. As condições de trabalho seriam melhores, bem como o salário.

A partir dali puderam dar uma vida melhor para os filhos, contudo, ainda não tinham condições de pagar-lhes uma escola particular. Isso não parou Lincy, que desde aquela época era uma criança esperta e um tanto curiosa. Agora seria recompensada por todo o seu esforço, podendo estudar no curso que ela tanto sonhava: Direito.

— Minha pequena está crescendo. Vem cá para a mamãe te dar um abraço.

Com um sorriso no rosto, a jovem correu para os braços de sua mãe. Gostava de receber adulação e carinho. “Amor nunca é demais...” é o que ela sempre pensava.

— Você é um presente dos céus, sabia? Não poderia pedir uma filha melhor. — Os olhos se enchiam de lágrimas de felicidade. Lincy era uma filha muito querida.

— Obrigada, mãe! — Ela se afastou um passo e

elevando a mão, enxugou as lágrimas da mãe com seu dedo. — Eu também não me imagino numa família melhor. Sou tão feliz por ser sua filha!

— Aconteceu algo? — Um menino de cabelos castanhos curtos, olhos negros e pele clara estava à espreita da porta da cozinha encarando a cena.

— Se cansou de ver filme, irmãozinho?

— O filme que você colocou é muito chato. Queria ver um filme de ação!

— Vou arranjar um filme bem legal de super-herói para você ver semana que vem. Que tal? — Lincy era paciente e muito doce. Porém, sua voz serena não foi o suficiente para acalmar o irmão.

— Mas eu queria para o fim de semana! — formou um beicinho de raiva e cruzou os braços.

— Fim de semana vamos ter um churrasco. Você não vai ter tempo para ficar vendo filme! — Interveio Catarina com voz autoritária.

— E o tio Sandro vai vir? — desfez o beicinho à medida que processava a informação, e seus olhos começaram a brilhar de empolgação.

— Vai sim. E os seus primos também!

— Oba! — saiu correndo de um lado para o outro. — Mal posso esperar!

— Então comece a arrumar seu quarto,

PERIGOSAS NACIONAIS

mocinho. Do contrário, seu tio não vai dormir aqui!

— Ah não, mãe! Que chato! — Ele bateu o pé e parou para pensar por alguns segundos. — A Lin pode me ajudar ao menos?

— Sua irmã já tem muito o que fazer e vai me ajudar a arrumar a casa também...

— Tudo bem, mãe! Eu o ajudo.

— Não seja tão gentil sempre, minha filha. Assim ele vai ficar mimado e não vai aprender.

— Não consigo evitar querer ajudar. Sou assim.

E lá se foram os dois. Claro que Hugo, a princípio, acabou bagunçando mais do que arrumando. Lincy cedeu e ficou brincando com ele um pouco, até que por fim, conseguiu convencê-lo a arrumar o quarto.

Saiba conquistar o coração, que o coração conquistado saberá retribuir... Acabou que Hugo aceitou fazer o serviço e, depois, ajudou nas outras tarefas. Nada como uma família unida para tudo dar certo!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo III

O QUE FOI ISSO?

— **B**em-vindos!
Já era fim de semana e Catarina estava no portão recebendo os parentes que iam chegando. Assim que o divertido e engraçado tio Sandro chega, Hugo corre ao encontro dele para abraçá-lo. Ele era profissional em entreter todo mundo com suas histórias e simpatia.

— Oi, tio! — Lincy o cumprimentou com um abraço logo após.

— Oi, minha futura advogada. Sentiu saudade do seu tio predileto?

— Quem disse que você é meu tio predileto? — colocou as mãos na cintura e fez um sorriso torto e desafiador.

— Não precisa dizer que sou. Posso ver em seus

olhos. — piscou o olho para Lincy e ela riu de volta se dedurando.

— Tio, vem aqui ver a pista de terra que fiz para os meus carros no fundo do quintal.

— É para já, capitão!

E lá se foram os dois. Sandro com certeza tiraria uma história dali para contar para o Hugo.

— Suas amigas vão vir?

— Vão sim, mãe! A Júlia mandou mensagem agora a pouco falando que está terminando de se arrumar e ia passar na casa da Elisa depois para dar carona à ela. A Fabiana já deve estar para chegar e o Caio me disse que vai se atrasar um pouco. — Olhou para o portão e lá vinha uma garota baixinha de cabelo loiro preso, vestido floral e rasteirinhas. Os brincos de topázio azul combinavam perfeitamente com seus olhos claros. — Falando nela...

— Oi, amiga! Bem-vinda!

— Eu é que agradeço o convite. As outras já chegaram?

— Estão a caminho, mas pode ir entrando e se acomodando. Papai já está servindo alguns petiscos.

Lincy permaneceu na porta cumprimentando

todos os que chegavam. Seria um churrasco pequeno, com no máximo vinte pessoas, já que não eram muitos os parentes que moravam perto. Aos poucos foram entrando os amigos que se atrasaram. Faltavam poucos agora.

Uma tia por parte de pai chegou com seus três filhos. O mais velho se chama Ricardo. É um adolescente alto, musculoso e um tanto problemático. Suas características englobam antipatia e implicância, principalmente com Hugo. Lincy ficaria de olho nele, com certeza. Já o conhecia e temia que quisesse machucar seu irmãozinho.

O filho do meio era da idade do Hugo e, ao contrário do mais velho, era bem amigável. Por último, o pequeno Miguel, que ainda era um pequeno e fofo bebê.

— Que bonitinho, tia! Posso segurar ele um pouco?

— Claro. Só toma cuidado com a cabecinha... Ele ainda é muito novinho.

Tomando Miguel nos braços, balançava ele de um lado ao outro, com cuidado. Um sorriso reluzente brotou nos lábios dela, enquanto o pequeno bebê balançava suas mãos no ar, rindo.

— Você leva jeito com crianças. Vai ser uma boa mãe! — Uma voz suave e masculina entoou em seus ouvidos pegando-a de surpresa.

— Caio... — Ela não esperava por essa. — Obrigada!

Caio é amigo de Lincy desde que ela chegara em Vitória. Moram no mesmo bairro e estudaram juntos todo o ensino médio. Ele tem cerca de um metro e oitenta, cabelo preto, olhos castanhos claros, pele morena, rosto triangular e, de acordo com os pensamentos de Lincy, um sorriso perfeito. Estava de bermuda verde com listras pretas laterais e uma blusa branca com palavras escritas em coreano.

Lincy era muito tímida quando chegara de mudança com sua família, mas, graças aos amigos que fez, começou a ficar descontraída. Ainda faltava muito para melhorar nesse quesito, mas, comparada ao que era, já tinha evoluído bastante.

Os tempos de ensino médio foram muito importantes para a adaptação dela e Caio sempre foi um dos que mais lhe dava atenção. Assim formou-se um vínculo muito forte, e um carinho muito profundo.

— Posso entrar?

— Claro! Desculpe... — Suas bochechas enrubesceram e então ela passou o pequeno Miguel para sua mãe. — Que bom que está aqui. Seja bem-vindo!

— Soube que passou em primeiro lugar para Direito. É um sonho se realizando, não é mesmo? Fico tão contente por você!

— Obrigada novamente, por todo apoio que sempre me deu.

— Não precisa agradecer... Amigos são para isso mesmo.

Juntos, foram para a área social. A varanda possui ligação direta na garagem e era lá que as mesas e cadeiras de plástico estavam colocadas. Caio e Lincy se sentaram na mesa que estavam seus amigos de escola e começaram a conversar. Um som no fundo tocava músicas em estilo sertanejo clássico e, entre músicas e palavras, as pessoas iam na mesa que estava a comida e se serviam à vontade.

— Agora vamos para instituições de ensino diferentes, mas continuaremos nossa amizade. — disse Júlia. Uma garota extrovertida e bastante confiante.

— Crescemos afinal! — Lincy estava toda

sentimental, quase chorando. — Mas mesmo que estudemos em lugares diferentes, sempre teremos o laço da amizade nos unindo.

— E quem disse que vamos nos separar? — Caio estava olhando diretamente para o rosto de Lincy ao dizer isso. Estava muito tranquilo com tudo aquilo.

— Sei que continuaremos mantendo contato, ainda mais você que mora aqui perto...

— Acho que você não entendeu... — colocou uma mão no ombro de Lincy, sorrindo pretensiosamente para ela. — Vou atrás de você.

— Como assim? — perguntou Júlia confusa. Obviamente ele não tinha contado a novidade para ninguém ainda. Ficaram sabendo só agora. — Vai nos deixar também?

— Não vou deixá-los! Como Lincy disse, manteremos contato. Achei que teria que estudar numa faculdade particular como vocês, mas, felizmente, consegui passar na Federal também. Mesmo que não seja o mesmo curso, ficarei perto dela.

— Nunca te critiquei. — A voz de Fabiana soou irônica. Colocou o cotovelo na mesa e usou a mão em punho para apoiar seu mento. Estava achando

tudo bem interessante.

— Não sei o porquê da surpresa. Sempre tive boas médias.

— Você está certo. — Júlia interveio novamente na conversa. — Meus parabéns! Passou em que curso?

— Bem... como sabem, gosto de exatas. Acabei optando por engenharia mecânica.

— Alguém ficou com vergonha. — Tornou Fabiana a implicar. — Não vai se pronunciar, Lin?

— Eu? — As bochechas dela tornaram a corar. Ela estava feliz... Muito feliz. — Gostei de saber disso.

— Uhhhh!!! — Soaram em conjunto as três amigas. Caio também ficou constrangido dessa vez, mas tanto ele quanto Lincy responderam a provocação com silêncio. Isso já era algo comum, e nos aniversários cantavam “com quem será” usando o nome um do outro.

— Posso saber qual o assunto? — Guido se intrometera na conversa, esticando uma bandeja com pão de alho e linguiça calabresa quentinhos. Ele era o tipo de pai coruja que gostava de saber o que se passava na vida de sua filha e, principalmente, conhecer bem os pretendentes.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Caio vai estudar na mesma universidade que eu, pai.

— Ah sim! Interessante... — Era impossível ler em sua face se ele tinha gostado ou não da informação. Franziu rapidamente as sobrancelhas de surpresa e logo se recompôs. — Meus parabéns, jovem! Vou passar nas outras mesas agora. Se estiverem com fome é só irem na mesa ali perto da churrasqueira que ainda tem bastante comida.

— Obrigado, senhor Freitas!

Parecia um dia comum, e uma simples comemoração como qualquer outra, até que...

— Onde está meu irmão?

— Não sei! Faz uns minutos que o vi correndo perto da mesa. — Soou a voz de Elisa, despreocupada. — Deve ter ido brincar dentro de casa com seu primo.

Só havia um primo que não estava ali, e era isso que preocupava Lincy. Ela não queria ficar desconfiada, afinal, podia não ser nada. Não! Ela não conseguia deixar de se preocupar e ir averiguar. Ricardo já tinha empurrado seu irmão algumas vezes, e entre elas, uma o Hugo saiu chorando com um corte na testa.

— Um minuto... Já volto.

PERIGOSAS ACHERON

— Tudo bem! Só não demora.

— Pode deixar!

E lá se foi ela para dentro de casa. Parou próximo à porta da sala quando ouviu a voz de Hugo e deu uma espiada dentro, sem chamar atenção. Ricardo estava de pé próximo ao sofá, com o CD do jogo preferido de Hugo na mão levando-o de um lado ao outro, enquanto a criança pulava tentando pegá-lo de volta.

— Me devolve!

— Não devolvo não. Vai fazer o quê, tampinha?

— Vou contar tudo para a mamãe.

— Vai... pode ir. Mas vou quebrar seu joguinho.

— Não! Não vai quebrar. Ele é meu!

Hugo estava quase chorando. Lincy estava furiosa vendo a cena. Alguém tão grande como ele perturbando uma criança. Começou a pensar no que fazer e desejou que ele levasse um choque bem forte na mão para largar o CD e deixar de ser um idiota. Como se isso fosse funcionar. Resolveu então entrar e, apontando o indicador para Ricardo, começou a pronunciar sua vontade.

— Deixe ele em...

— Ai!

Antes que Lincy terminasse de falar, Ricardo

deixou o CD cair e Hugo, na esperteza, pegou-o no ar e correu para o lado dela.

— O que foi isso? O que você fez? — Ricardo estava com cara de dor, segurando o pulso com a outra mão.

— Eu não fiz nada! — Lincy estava atordoada. — O que aconteceu?

— Nada. Não interessa. Tchau! Eu já estava com vontade de ir embora mesmo...

Ricardo saiu correndo dali, deixando os dois irmãos confusos. Lincy abraçou seu irmão lembrando do ocorrido. Algo maior estava acontecendo. Na cabeça dela, alguém havia intercedido por eles. Seja o que fosse, um dia ela descobriria.

Capítulo IV

ENCONTRO

Oque aconteceu no churrasco não repercutiu em nada e ficaria só nas lembranças de Lincy. Na cabeça de Hugo, Ricardo largou o CD no susto quando sua irmã veio defendê-lo.

Alguns dias depois, a família Freitas viajou de férias para o Sul, onde passaram o Natal e Ano Novo na casa dos avós paternos de Lincy. Nada anormal tornou a acontecer, deixando os pensamentos de Lincy despreocupados de possíveis assombrações.

Os verões pareciam cada vez mais quentes a cada ano. Lincy estava deitada no chão de seu quarto com um ventilador de teto rodando. Neste momento seu celular começa a tocar.

— Quem será que está me ligando? — levantou-se desanimada para pegar o celular. — Caio...

PERIGOSAS NACIONAIS

Seu semblante mudou no mesmo instante quando visualizou na tela do celular o nome do contato. Eles não tiveram muito tempo para conversar nas últimas semanas.

— Alô! Caio?

— Oi, Lin. Como está? Soube que voltou de viagem esta semana...

— Estou bem. E você?

— Bem melhor agora. Estava com saudades da sua voz.

— Também senti saudades, mas... podia ter me ligado quando estive fora.

— Eu sei, mas é que eu queria te deixar aproveitar ao máximo o seu passeio.

— Isso me soa mais como uma desculpa.

— Tem razão, me perdoe! Mas... já sei como te compensar.

— Sabe, é? Estou curiosa agora.

— É que... — ficou em silêncio alguns segundos. Estava com as palavras entaladas na garganta, pois, mesmo já tendo feito isso outras vezes com a Lincy, hoje seria diferente. — Lin... gostaria de ir tomar um açaí comigo mais tarde?

— Bem, deixe eu pensar... — Ela fez parecer que era uma pergunta difícil de responder quando a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

resposta já estava clara.

— Se não tiver ocupada... claro.

— Quero sim, sem dúvidas!

— Sério? Que bom!

— Mas o que deu em você hoje? Parece nervoso.

— É só impressão sua. — Não, não era... — Tenho uma novidade para te contar, e você vai descobrir assim que eu passar na sua casa para te pegar. Pode ser às 19h?

— Me parece um bom horário. Só preciso falar com meus pais primeiro, mas acho que vão deixar sim. Se acontecer qualquer coisa e eu não puder ir, te ligo avisando. Do contrário, nos vemos às 19h.

— Combinado, então! Beijos, e até logo.

— Beijos, até!

Após colocar o celular na escrivaninha, Lincy foi para a sala. Os pais dela não estavam, somente o pequeno Hugo, jogando videogame. Ela foi para a cozinha, depois no banheiro, no jardim e por fim, retornou à sala.

— Hugo, sabe onde o papai e a mamãe estão?

— Papai foi com a mamãe na casa da tia Vanessa.

— Nossa... e nem me avisaram.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É que não é importante. Tia Vanessa fez uns litros de sorvete e eles foram lá comprar um.

— Ah sim, e você preferiu ficar aqui jogando.

— Sim. Não gosto do primo Ricardo.

— Entendo...

— Lin! Joga comigo?

Ela olhou para a tv. Era um jogo de corrida, um estilo que ela conseguia se dar bem.

— Tudo bem! Me passa o controle...

— Aqui. — Entregou o controle — Vai ser no modo batalha.

— Achei que ia ser de corrida.

— De corrida você quase sempre ganha. Melhor batalha, que eu tenho mais chance.

— Espertinho. Mas não vou pegar leve.

— Nem eu!

E começaram a disputa. No início Lincy começou perdendo as primeiras e logo pegou o jeito. Depois ficou um combate mais justo até por fim ela começar a ganhar mais do que perder. O mais provável é que quando Hugo chegasse na idade dela superasse em muito suas habilidades no videogame. Um pouco mais de uma hora depois a porta de entrada da cozinha bate. Catarina e Guido tinham voltado.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Crianças... trouxemos sorvete. — A voz de Catarina soou cansada.

— Tem de quê? — gritou Hugo animado, ainda jogando.

— Chocolate e coco. — respondeu o Guido com mais entusiasmo. — Podem vir pegar.

— Já vou, pai. Só vou terminar a partida aqui. — Ele tinha se distraído ligeiramente, o suficiente para Lincy aplicar-lhe o último golpe. — Ah, terminou...

— Por hoje chega, tudo bem? Vamos lá pegar sorvete e depois vou me arrumar.

— Ah não, Lin. Você vai aonde? — perguntou Hugo, frustrado. — Vou poder ir também?

— Boa pergunta... Aonde você vai, mocinha? — Guido estava logo atrás com uma taça de sorvete na mão.

— Caio ligou hoje me chamando para tomar açaí de noite. Quando eu ia falar com você e a mamãe, vocês já tinham saído.

— Ah sim, se for isso tudo bem. Concorde, Catarina?

— Claro. Caio é um bom garoto. — Catarina tinha ouvido tudo da cozinha e respondeu de lá mesmo.

PERIGOSAS ACHERON

Lá se foram os irmãos tomar sorvete. A seguir, foram todos para a varanda e ficaram lá conversando sobre assuntos familiares e sobre o futuro, ainda mais agora que Lincy estava entrando para a Universidade.

O campus não ficava perto da casa dela, mas também não estava tão longe. Quando foram fazer a matrícula, tiveram que pegar dois ônibus e a viagem durou cerca de trinta e quatro minutos. O trânsito agitado não era nada frente à vontade e empolgação que Lincy estava.

— Nossa... já são 18:22. — disse Lincy, espiando com o canto do olho o relógio de parede com borda prateada, que ficava ao lado da porta na cozinha. Vou lá me arrumar. — Ela se levantou num salto e correu para o quarto.

Começou com um banho e, depois de se secar, Lincy vestiu um short preto com uma blusa regata azul, e passou um perfume de aroma floral. Em seguida penteou o cabelo e prendeu em rabo de cavalo, passou uma maquiagem básica e calçou um tênis branco com listras rosas. Assim que ia colocar um colar e umas pulseiras que combinassem com seu brinco, ouviu um toque do celular. Era uma mensagem do Caio: “Estou aqui fora te esperando”.

— Que pontual! Exatamente às 19h.

Assim digitou a mensagem de resposta: “Estou terminando de me arrumar e já saio ao seu encontro.”

Vestiu os acessórios rapidamente. Não demorou nem dois minutos com isso e se apressou em pegar sua bolsa e ir ao encontro de seu amigo.

— Pai, mãe, estou indo!

— Se cuida, minha filha, e não chegue tarde!

— E juízo. — Acrescentou Guido.

— Pode deixar!

Ela estava com pressa, saiu acenando e batendo a porta. Depois de passar pelo portão olhou de um lado para o outro se perguntando onde ele estava. Não tinha ninguém lá.

— Que estranho... — Pegou o celular para mandar uma mensagem e, neste momento, ouviu uma buzina de um carro azul imperial novo, localizado alguns metros à frente do portão da casa dela. O vidro do carona desceu, e uma voz conhecida saiu de lá.

— Aqui, Lin!

Lincy se aproximou e lá estava Caio ao volante. Algo na expressão de ansiedade dele fez parecer que estava esperando a mais tempo do que ela

imaginava.

— Surpresa?

— Muito! Não sabia que já tinha carteira de habilitação.

— Comecei as aulas assim que fiz dezoito anos, em julho do ano passado. A carteira provisória chegou semana passada e meus pais compraram este carro para mim como presente por isso e por ter passado na UFES.

— Nossa... estou sem palavras.

— Entra! — Esticou a mão para abrir a porta por dentro e Lincy entrou, batendo a porta cuidadosamente — Tem um açaí muito bom com vista para o mar não tão longe daqui. Estava pensando em te levar lá e caminharmos um pouco na praia depois. O que acha?

— Ótima ideia. — Estava com um imenso sorriso no rosto, e desviou a cabeça porque estava com o rosto vermelho. — Só não podemos voltar muito tarde. Conhece meus pais...

— Conheço sim. — Esticou a mão para tocá-la no rosto e virá-lo em sua direção. Ele queria olhá-la nos olhos. — Não precisa ter vergonha, sou só eu...

— Eu sei, desculpe! É só que... foi bem inesperado. Fico tão contente por você.

PERIGOSAS NACIONAIS

Caio ligou o carro e partiram dali. Agora o clima estava um pouco mais sério e não falaram mais nada até chegarem no lugar que Caio mencionara, e ele estacionar o carro. Caio respirou fundo e saiu sem dizer nada. Rodou o carro e abriu a porta para Lincy, que estava confusa.

— Está tudo bem? — perguntou ela preocupada.

— Está sim. Aliás, não poderia estar melhor. Vamos?

Ela acenou positivamente com a cabeça e seguiram juntos para o açai que estava a poucos metros de distância. Sentando numa mesa mais reservada do lado de dentro, começaram a olhar o cardápio.

— E então, o que vão querer? — perguntou o garçom com um bloco de anotações na mão.

— Dois açais de 500ml, com morango, abacaxi, bastante leite em pó, gotas de chocolate e mel.

— Como sabe? — perguntou Lincy, baixando o cardápio. Ela não tinha dito nada.

— Sempre reparo em você e sei que esse é seu sabor predileto.

— Mais alguma coisa? — perguntou o garçom novamente. Caio olhou para Lincy e ela acenou negativamente com a cabeça, sorrindo timidamente.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, obrigado. Qualquer coisa chamamos de novo.

O garçom sai e Lincy não hesita em exprimir sua surpresa.

— Você me conhece bem mesmo!

— Não podia ser diferente. — Ele a olhou diretamente nos olhos e esticou sua mão pondo por sobre a dela. — Nos conhecemos faz alguns anos e você se tornou uma pessoa muito especial para mim. Lembra do dia que nos conhecemos?

— Lembro sim. Você estava andando de bicicleta no bairro e acabou esbarrando em mim. Meus pais estavam arrumando as coisas da mudança na casa e eu tinha ido na padaria ali perto comprar alguns pães para o lanche.

— É... Eu estava meio distraído naquele dia. Minha primeira reação foi querer te xingar por estar no meu caminho, mas quando te vi caída no chão, tão bonita e frágil... tive remorso. Eu queria compensar o que fiz de alguma forma.

— Por isso que ofereceu ajuda para organizar a mudança lá de casa?

— Sim. — Ele começou a rir. — Mas não foi só isso. Quando descobri que você estava no mesmo ano escolar que eu, conversei com seus pais sobre

as escolas que tinha por perto e sugeri uma em especial. Queria que estudasse comigo. — Caio segurou a mão de Lincy com mais força e ficou sério — Você vive me agradecendo pelo apoio que te dei, mas foi o contrário. Foi você que mais me apoiou.

Lincy estava atônita com essa declaração e não era para menos. Caio nunca tinha contado essas coisas, e ainda mais dessa forma. Já estava bem claro onde ele queria chegar com tudo isso e ela não sabia ainda como reagir, embora seus sentimentos fossem semelhantes.

— O que quer dizer? — Uma confirmação... era tudo que ela queria nesse momento.

— Antes de te conhecer eu estava ficando rebelde, e não queria saber de estudar. Eu tinha poucos amigos e estava começando a me envolver com crianças que não deveria. Bem... meus pais não me colocaram numa escola pública por falta de dinheiro, e sim, porque eu não queria estudar. Falavam que era um desperdício de dinheiro investir em estudo com alguém que não quer aprender.

— Mas você sempre teve boas notas...

— Porque eu queria te impressionar. Nunca

tinha conhecido uma garota tão doce e dedicada, e eu não queria ficar para trás. Sua amizade me ajudou a crescer em muitos sentidos. Eu ampliei meu rendimento escolar e comecei a pensar de verdade no futuro, em ser alguém de bem, algo que eu não fazia antes. Graças a você também me tornei um bom filho, mais dedicado e obediente. Lincy... você me inspirou!

— Você sempre foi muito incrível comigo... não consigo te imaginar diferente.

— Que bom então que você conheceu só o meu melhor lado. Esse carro que ganhei, por exemplo, o meu “eu” de antes jamais teria sido merecedor. O meu eu de antes jamais teria entrado na UFES, e muito menos teria a atitude de se tornar alguém mais responsável e correto... e devo isso tudo a você.

— Nossa... nem sei o que dizer.

— Meus pais sabem bem disso e é por isso que gostam tanto de você. Por isso te tratam tão bem sempre que vai lá em casa, e sabem também o quanto gosto de você. Lincy... estou perdidamente apaixonado por você.

O coração de Lincy disparou de uma forma que nunca tinha sentido antes e acabou puxando a mão

que estava por baixo da dele elevando-a ao seu peito. Esta era confirmação que ela estava esperando ouvir, um sentimento bom e ao mesmo tempo tão assustador.

— Achei que já desse para notar antes. — Agora sim ele estava muito, mas muito nervoso. — Bem, eu, aliás... aceita ser minha namorada?

— Eu nem sei o que dizer. Eu preciso pensar um pouco.

E nesse momento o garçom retorna com duas taças de açaí, e as coloca na mesa, saindo em seguida. Os corações de ambos estavam a mil, esperando que o silêncio não aumentasse a pressão que se desenvolvia no momento.

— Vamos tomar o açaí agora e depois você me responde isso. Tudo bem?

Lincy acenou positivamente. Acabou demorando mais do que de costume, e mesmo assim, não deu conta de ingerir todo o conteúdo da taça. Não foi só ela... Caio estava muito ansioso por uma resposta.

— Lin, quer mais alguma coisa?

— Não, obrigada!

— Vou lá no caixa pagar os açaís e já volto.

— Tudo bem.

Ela levantou-se da cadeira e ficou esperando de pé, próximo à mesa. Ainda não sabia bem o que responder. Caio não cobrou uma resposta logo, apenas a convidou a caminharem na praia um pouco.

O céu estava límpido e dava para ver bem a lua cheia. Um pouco de areia estava entrando nos tênis de Lincy, porém, não era isso que mais a incomodava. Nenhum dos dois queria falar nada, então Caio foi o primeiro a se manifestar.

— Sempre que nossos horários coincidirem, poderei te dar uma carona para a faculdade, e da faculdade para casa. Acho que seus pais vão achar mais seguro do que se você for de ônibus.

— É, acho que sim. Obrigada!

— Você está um pouco calada. Já tem uma resposta para a minha pergunta?

— Para dizer a verdade, ainda não sei o que dizer sobre isso. Foi um pouco repentino.

— Por acaso não sente o mesmo... é isso? — Os olhos de Caio começaram a brilhar de tristeza, enquanto tentava reprimir esse sentimento para que não derramassem lágrimas na frente de sua amada. Apesar disso, tentou manter a calma em sua voz para que ela não respondesse com pena, e sim, com

o coração.

— Não, é justo o contrário. Eu sinto um carinho muito especial por você, e mais do que isso... eu também estou apaixonada por você. Tenho te amado desde que te conheci, desde o dia que esbarrou em mim com sua bicicleta e depois, com tanto cuidado, me ajudou a levantar e se preocupou em cuidar dos arranhões em minhas mãos. Quando pegou nas minhas mãos naquele momento, meu coração disparou; e quando nossos olhares ficaram frente a frente com você perguntando se eu estava bem, senti-me sem ar.

Caio abriu um imenso sorriso. Ele acabara de ouvir o que tanto queria e a dúvida que angustiava seu coração se foi. Colocando-se de frente para Lincy, pegou as duas mãos dela carinhosamente como naquele dia e a olhou profundamente nos olhos, só para sentir a respiração dela acelerar de novo.

— Então o que te impede de dizer sim?

— Eu não sei. Eu tenho medo, muito medo.

— Medo de quê?

— De não dar certo... de sofrer.

— Eu jamais te faria algum mal... jamais te faria sofrer. Eu te amo!

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei... e não sei por quê sinto isso. — Seus olhos começaram a se encher de lágrimas. — É involuntário.

— Mas você já teve alguma experiência ruim?

— Não, não que eu me lembre. Você é meu primeiro amor! Nunca namorei antes, mas você já sabe disso.

— Eu também não, Lin, mas nem toda experiência nova é ruim. Não tem como algo tão lindo assim dar errado — levantou as mãos dela para beijá-las e depois juntou-as junto ao seu peito para que ela ouvisse as batidas de seu coração. — Faremos isso dar certo, juntos! Vou perguntar mais uma vez e não vale desviar o olhar para responder. Quer ser minha namorada?

Olhando nos olhos dele, conseguiu sorrir com sinceridade para responder.

— Sim, eu quero!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo V

A PESSOA CERTA

— **M**e conta mais sobre isso. Então é verdade que você e o Caio estão namorando?

— É sim, Júlia.

— Já sabia que ia dar nisso. Dava para ver no olhar de vocês o quanto se gostavam, e sempre se deram tão bem! — Interveio Elisa, uma garota magra, alta, morena de cabelos pretos cacheados.

— E como seus pais reagiram à novidade? — perguntou Fabiana.

As quatro amigas estavam na praia curtindo um dia de sol de verão. Resolveram passar o dia juntas para colocar em dia as novidades e curtir um dia de amigas, pois em breve se iniciaria o período letivo e não poderiam mais se ver com tanta frequência.

— Ah, melhor do que eu esperava. Depois que aceitei o pedido, Caio me levou de volta para casa e

PERIGOSAS NACIONAIS

fez o pedido oficial para os meus pais. Só meu pai que meio que engasgou na hora, mas acabou dando a aprovação. Minha mãe ficou radiante com a notícia. “Antes ele do que outro” foi o que disseram assim que o Caio foi embora.

— E rolou beijo?

— Ainda não. — As bochechas de Lincy coraram. — Estamos só começando... quem sabe mais para frente.

— Caio é um cavalheiro, não é?

— É sim. Estou tão feliz. Ele é a pessoa certa para mim.

— E como você sabe quem é a pessoa certa?

— É aquela que te tratar bem e fazer seu coração bater mais forte. Aquela que for capaz de te fazer sorrir e te fazer sentir segura em qualquer momento. Aquela que irá segurar sua mão nos momentos difíceis, te olhar nos seus olhos e te dar força. Vai ser aquela que dominar seus pensamentos, e quando você olhar para o futuro, não vai se imaginar sem ela.

— Uau, Lin! Está mesmo apaixonada...

— Não é só paixão, Júlia, é amor!

— Por falar no seu amor, ele está passeando com os pais esta semana, não é?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— É sim! Só volta semana que vem.

— E aposto que já está morrendo de saudades...

— Fabiana foi quem se manifestou dessa vez.

— Fim de semana ele já estará de volta, já que semana que vem começam as aulas.

— Nem acredito que já crescemos tanto. Os anos passaram tão rápido!

— É verdade. De agora em diante faremos amigos novos, mas vamos prometer nunca esquecermos umas das outras.

E as garotas se abraçaram e se deram as mãos. Puderam aproveitar bastante o dia na praia junto com a brisa fresca com cheiro de mar. Era sempre uma sensação maravilhosa estar de frente para a imensidão das águas e Lincy podia ficar horas sem se cansar, sentada na areia admirando aquela vista maravilhosa. Ela tinha uma grande paixão por paisagens naturais, que fugiam à paisagem urbana da qual ela estava habituada.

Em meio a seus devaneios, uma cena chamou-lhe a atenção. Um banhista agitava suas mãos como quem estivesse se afogando. Lincy correu em direção ao mar, até que as águas tocassem o joelho. Era exatamente o que ela tinha pensado...

— Tem alguém se afogando! Alguém ajuda?

PERIGOSAS ACHERON

Não tinha muitas pessoas naquela praia além dela e de suas amigas. O que podiam fazer?

— Algum salva-vidas? — tornou a gritar ainda mais alto, olhando para todos os lados enquanto procurava desesperadamente por alguém que tivesse mais experiência com natação.

As amigas dela também se moviam, correndo de um lado ao outro procurando ajuda. Assim que Lincy se virou novamente para olhar mar a dentro, já tinha perdido a pessoa de vista. Sem pensar, pulou no mar e nadou em direção ao lugar que tinha visto a pessoa pela última vez.

A poucos metros à frente, sentiu-se ser arrastada por uma corrente de retorno. Ela já tinha caído na vala uma vez quando criança, e quase se afogou. Devido a isso, teve que aprender a lidar com a situação. Sem se desesperar, deixou-se flutuar para dentro do mar, mantendo-se bem atenta à localização do banhista.

Assim que enxergou a sombra de uma pessoa, Lincy mergulhou atrás e a puxou pelo braço até a superfície. Se tratava de uma mulher de cabelos castanhos curtos que aparentava ter a idade da mãe dela.

Em seguida, trazendo a mulher consigo, Lincy

começou a nadar paralelamente à areia por cerca de trinta metros, e depois em sentido perpendicular à praia. Ela já estava ficando muito cansada e sem energias, afinal, não era treinada para isso. De alguma forma sentia segurança de que conseguiria chegar e, fechando os olhos, sentiu-se flutuar facilmente como se ondas de energia lhe dessem impulso para se mover.

Continuou assim até se aproximar do raso, onde apoiou os pés na areia e recebeu ajuda de várias pessoas que vieram prestar socorro, incluindo um salva-vidas. Este deitou a mulher desconhecida na areia e, como ela não estava respirando, começou a realizar a respiração boca-a-boca até que a vítima tossiu. Ela estava bem...

— Lin, sua doida, você podia ter morrido. — retrucou Júlia furiosa, quase chorando.

— Ficamos tão preocupadas. — disse Elisa enquanto abraçava Lincy.

— Perdão, amigas. Sei que fui imprudente, mas não sei o que deu em mim. Eu senti confiança de que conseguiria ajudar e simplesmente fui.

— Foi muito corajosa! — disse uma voz grave vindo de trás. O salva-vidas tocou no ombro de Lincy. — Parabéns, você salvou uma vida, porém,

PERIGOSAS NACIONAIS

como suas amigas disseram, tenha mais prudência da próxima vez. Você poderia ter se afogado junto.

— Tem razão. — Apesar das advertências, em seu íntimo havia um sentimento de que havia valido a pena seu esforço e que se voltasse no tempo, teria feito tudo igual.

A mulher que fora salva já estava bem consciente e com lágrimas escorrendo em seu rosto, agradeceu Lincy várias e várias vezes, despedindo-se com um abraço bem apertado. Lincy não contou nada para seus pais para não se preocuparem e, somente na semana seguinte, quando Caio e ela estavam indo juntos para a faculdade, que ela resolveu falar algo a respeito.

— Não sei se hoje vai ser só apresentação de disciplina ou se já vai ter aula normal. De qualquer forma é bom ir para ver. — A voz de Caio era de animação.

— É verdade. — disse Lincy baixinho. — Mas se for ter trote, quero sair mais cedo.

— Por quê? Tem medo?

— Não... acho até que sou mais corajosa do que deveria. Não sei de onde vem tanta autoconfiança.

— Uhn... há um motivo específico para dizer isso?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Semana passada entrei numa corrente de retorno para salvar uma mulher que estava se afogando.

— Você o quê? — O carro estava parado no sinal de trânsito e Caio a olhou apreensivo. — Como foi isso? Por que você fez tamanha loucura?

— Eu não sei. Me perguntei isso várias vezes fim de semana. Não havia ninguém por perto para ajudar e não sei se foi só um instinto, mas... eu sentia dentro de mim que conseguiria.

— E se algo tivesse acontecido com você?

— O importante é que estou bem — apontou o dedo à frente. — E o sinal está aberto.

Caio voltou a si e concentrou-se novamente no trânsito. Claro que ele não iria encerrar essa conversa tão rápido.

— Não faça mais loucuras do tipo, meu amor. Você não é treinada para isso. Deixe que alguém capacitado vá da próxima.

— Minhas amigas me disseram a mesma coisa. Mas você tem razão, não sei o que deu em mim. É como se não fosse eu, e depois de resgatar a mulher, ainda em mar, passei por um momento de aperto e fraqueza em que era para eu ter medo, mas não tive. Apenas fluiu uma força desconhecida que

PERIGOSAS ACHERON

me impulsionou a continuar. Acho que meu anjo da guarda tem zelado muito por mim ultimamente.

— E espero que continue. — Ele tinha acabado de chegar e estacionar o carro. — Se cuida e até mais tarde. Se quiser fugir dos trotes é só me ligar e vamos juntos então.

— Obrigada, meu amor! Até mais então.

Lincy estava um pouco triste achando que o havia chateado, e quando já ia abrir a porta do carro, Caio a puxou pelo braço. Ela se virou para ver o que ele queria e nesse momento seus olhares se cruzaram e ele acariciou a face dela gentilmente aproximando seu rosto até as testas se tocarem.

— Eu te amo! Nunca se esqueça disso. — Isso acalmou o coração dela.

— Jamais!

Em perfeita sintonia aproximaram os lábios, que se tocaram e, cautelosamente, começaram a deslizar um sobre o outro. Não demorou muito para pegarem o jeito e transformarem aquele beijo sereno em um beijo longo e apaixonado.

Não é preciso dizer o quanto se gostavam. A cena dizia tudo. Um sorriso longo se formou no rosto dos dois após esse beijo, que seria o primeiro de muitos. Poderia ser descrita toda a rotina que

PERIGOSAS NACIONAIS

tiveram na aula e como conseguiram evitar o trote, mas esses fatos são demasiadamente simples em vista do que iria acontecer.

O namoro seguiu muito bem, tanto que quase não brigaram nos quase dois anos que se seguiram. Fizeram vários amigos entre os novos colegas e passavam direto nos semestres, sem irem para prova final. Se esforçam por um motivo muito importante: uma promessa que fizeram entre eles de que se casariam depois que terminassem a faculdade.

Nenhum fato bizarro tornou a acontecer na vida de Lincy, que seguia um curso tranquilo e sem mais eventualidades. Era feliz e tinha tudo o que sonhou, mas nem tudo seria tão normal... não por muito tempo.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo VI

MISTÉRIO

Era fim do quarto período e Lincy estava com seus colegas em sala de aula conferindo a nota da última prova da matéria Direito Constitucional I. Todos os que passaram direto na matéria deveriam assinar a prova, devolvê-la para o professor com data do dia em questão, e estavam liberados para ir para a casa.

Era a última nota que faltava para as férias de fim de ano e Lincy passou com êxito na disciplina com a segunda maior nota da turma. De saída dali, teve que aguardar do lado de dentro do prédio devido à forte chuva que caia. Poucos minutos depois, seu celular começou a tocar.

— Oi, amor.

— Oi, minha princesa. Já está liberada?

— Já sim! Passei direto. Só que estou aqui no prédio esperando a chuva dar uma trégua antes de ir para casa.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está no lugar de sempre?

— Sim, por quê?

— Estou indo te pegar. Estou preocupado.

— Eu estou bem, amor... E tem alguns colegas aqui comigo aguardando.

— Ainda assim estou indo te pegar e a gente aproveita para comemorar nossa aprovação. Que tal irmos numa pizzaria?

— Acho uma ideia maravilhosa.

— Combinado, então. Até daqui a pouco, amor. Beijos!

— Te espero. Beijos!

Quando Lincy desligou e olhou para o lado, viu que seus colegas estavam um pouco agitados e foi ter com eles.

— O que está acontecendo? — perguntou para Sabrina.

— Aqueles dois homens esquisitos apareceram ali — apontou para o pátio da frente. — Ninguém viu quando eles chegaram e eles não param de olhar para cá. Jeferson gritou para eles saírem da chuva, mas acho que não entenderam e continuam lá.

Lincy olhou em direção a eles. Suas roupas pareciam de estilo indiano e estavam descalços. Ela

PERIGOSAS ACHERON

não conseguia ver bem os detalhes por causa da chuva caindo, mas achou a cena bem suspeita.

— Eles estão vindo para cá. — cochichou Sabrina no ouvido de Lin.

Lincy deu uns passos para trás. Estava com um mal pressentimento e decidiu se esconder atrás de um bebedouro e observar a cena de longe. Os dois homens se aproximaram dos três colegas de Lincy que estavam lá.

Um deles era um jovem alto, magro, de cabelos pretos curtos, pele clara e suas roupas brancas tinham uma bainha coberta de pedras azuis. O outro aparentava ser mais velho por causa da barba, e cabelos pretos que iam até os ombros. Era um pouco mais baixo, não tão magro e com roupas cor de creme com bordas vermelhas.

Falaram algumas palavras estranhas e foram caçados por isso. Em seguida, o homem mais jovem esticou a mão em direção a Jeferson, colega de Lincy. Falou algumas coisas em outra língua novamente, e baixou a mão. Nada tinha acontecido e os colegas de Lincy começaram a rir deles até que o homem que tinha levantado a mão perguntou em português.

— Poderiam me dizer onde está a Alissya?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Alissya? Não conhecemos nenhuma Alissya não. Estão perdidos? — Jeferson estava mais sério agora.

— Não mintam para mim. Sei que ela está perto... — Olhou para o parceiro que gesticulou com a cabeça como se estivesse assentindo. — Ela esteve aqui.

— Moço, a gente já falou que essa garota não está aqui. Por que vocês não procuram em algum prédio do lado?

O homem mais baixo levantou as duas mãos para os lados e fechou os olhos. Em seguida, o homem mais alto levantou a mão, dessa vez na direção de Camila. De repente, ela voou até o teto e começou a gritar desesperadamente. O mais estranho é que Lincy não conseguia ouvir mais nada, mas sabia que ela gritava pelos movimentos dos lábios e expressão facial.

Jeferson, irritado, avançou em direção ao homem estranho e foi atirado contra a parede atrás com um feixe de luz azul. Lincy estava com muito medo... medo de que alguém fosse ferido, medo por não entender como aqueles homens conseguiam fazer aquilo e medo por algo mais que ela não compreendia.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lágrimas escorriam do rosto de Sabrina enquanto ela parecia implorar por algo. Ela olhou em seguida para o lado de Lincy e esticou a mão como se estivesse pedindo ajuda e, sem hesitar, Lincy saiu de seu esconderijo. Ela só não sabia ainda se corria gritando por ajuda, se ligava para a polícia ou se tentava intervir na discussão. Estava paralisada, em choque, frente a cena.

O homem mais alto, após ver Lincy, olhou para o mais baixo que fez um sinal positivo com a cabeça. Em seguida, após baixar Camila até o chão, caminharam em direção a Lincy, ignorando completamente os três que ficaram para trás. Jeferson então pegou o celular e fez o que Lincy já devia ter feito: ligou para a polícia.

— Me diga seu nome, jovem.

— Lincy. O que foi que aconteceu? Por que estão fazendo isso?

— Você realmente não sabe?

— Não. — Ela falou isso baixo, com as mãos cruzadas contra o peito e os olhos cheios de lágrimas. Suas palavras eram claramente sinceras.

— Precisa vir conosco.

— Não posso ir a lugar nenhum. Preciso esperar aqui.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso não foi um pedido. — O homem mais baixo cercou Lincy por trás e a segurou pelos braços. — Depois eu explico.

E começou a pronunciar novamente palavras em outra língua, dessa vez com as duas mãos estendidas para frente e uma delas tocando o homem que a segurava. Lincy se desesperou e tentou se soltar sem obter êxito. Um portal com diversas cores começou a se abrir e ambos os homens pularam dentro, levando Lincy junto.

Dentro não havia nada além de cores de todos os tons, embaralhados em fios que se moviam para todos os lados. Eles flutuaram num universo colorido e vazio até as coisas em volta começarem a ganhar cor sólida e forma novamente.

Haviam passado para o outro lado do portal, que deu num quarto grande com uma cama de tamanho maior que a de casal. Os cobertores azuis claros, combinavam perfeitamente com a decoração em tons de azul.

Havia um banco de madeira com almofadas brancas num canto do quarto e uma janela grande gradeada. Do lado da cama uma mesinha pequena com alguns jarros em cima.

Lincy olhou para os lados confusa com tudo que

estava vendo. Se afastou vários passos daqueles homens, mas não tinha para onde correr.

— Como fizeram isso? Onde estou?

— Tenha calma. Talvez seja melhor você se sentar, pois o que tenho a dizer é muito complexo.

— Não quero me sentar. O que quero é que me levem de volta.

— Não podemos, pelo menos não no momento. Insisto que sente-se ou, do contrário, terei que te deixar sozinha aqui até se acalmar.

Lincy estava com medo e furiosa. Tudo aquilo era surreal demais e ela precisava urgente de algumas explicações plausíveis. Assim sendo, resolveu se sentar no banco e ouvir.

— Boa garota! — O homem mais alto se aproximou, ficando de frente para ela e se agachou, sentando no chão. — Lincy, não é mesmo? — Ela acenou positivamente com a cabeça. — Me chamo Lunester e esse meu parceiro caladão é o Jerader, meu vassalo. Sou o terceiro príncipe de um reino chamado Feron... um dos treze grandes reinos do mundo de Halis.

— Mundo de Halis? Isso é alguma piada?

— De forma alguma! Usei minha magia para abrir um portal até aqui. Possuímos uma coisa que

PERIGOSAS NACIONAIS

chamamos de manto de magia, que está incorporado à nossa energia essencial. Comumente atribuímos a isso o nome de aura mágica, uma camada de uma forte energia, passível de manipulação. Mas isso não vem ao caso. Te tiramos daquele mundo sem magia porque precisamos que você cumpra uma missão por nós, algo que só você é capaz de fazer.

— Magia? Conta outra...

— Não acredita em mim? Quer mais provas? — Lincy engoliu em seco e acenou negativamente com a cabeça. Ela já tinha visto mais coisas do que sua mente era capaz de processar, imagens e sensações que mostravam que o que Lunester dizia tinha algum sentido, embora ela quisesse bem no fundo de sua alma, que tudo aquilo fosse uma grande brincadeira de mal gosto.

— Depois de irmos ao mundo em que você estava, usamos uma sequência de magias. Primeiro foi o *Lingus lannis*, que me permitiu absorver o conhecimento de sua língua para estabelecer comunicação. Depois Jeradar criou um campo de bloqueio sonoro para não chamarmos atenção. Alguns feitiços de ataques menores se seguiram por falta de colaboração...

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— E por que está me falando isso? O que quer comigo afinal? — Lincy estava desconcertada.

— Bem direta. Gostei disso! Você tem um atributo especial, atípico do seu mundo, e isso se deve porque sua origem é daqui.

— Impossível!

— Não, não é. Só que ninguém imaginava o que você teria feito até Ragrim nos dar pistas.

— Para! — Lincy colocou as mãos no ouvido.

— Não estou entendendo nada!

— Então vou direto ao ponto. Existe um reino aqui, ameaçado de ser destruído. Ele é chamado Nizla e você é a única capaz de evitar um desastre. Precisamos da sua ajuda, princesa Alissya!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo VII

HALIS

— Já se acalmou um pouco, princesa Alissya? — Será que pode parar de me chamar assim? Meu nome é Lincy! LINCY!!! Quantas vezes mais preciso repetir?

Lunester estava conduzindo Lincy pelos corredores do palácio. Cada detalhe da arquitetura chamava a atenção da garota. Era tudo amplo, espaçoso e fresco. As paredes eram todas feitas com um tipo de pedra branca que não existia no mundo dela e possuíam esculturas com os mais variados desenhos, todos relativos à natureza.

— Pelo menos está seguindo minhas instruções. Se me permite dizer, essas roupas lhe caíram bem. — Lincy agora estava com trajes típicos do povo Halisiano, com um tipo de bermuda que ia por baixo de uma túnica azul não tão comprida e sem mangas. Era feito de um tecido bem leve e confortável.

— Como se eu tivesse outra opção.

Lunester riu. Achou Lincy divertida e muito interessante. Anteriormente, depois de dizer uma coisa tão impactante, teve que deixar ela a sós, refletindo. Ela não compreendia e não aceitava nada... ainda.

Nesse meio tempo, Lincy olhou pela janela algumas vezes. Estava desnorteada com o mundo de fora, tão claro e tão preservado. As casas ficavam no meio de jardins e árvores exóticas, e se ela tentasse olhar para o céu, veria muita claridade.

Havia três sóis, e quando um começava a se pôr, outro surgia no horizonte. Ela se perguntou algumas vezes se não existia noite nesse mundo, mas a resposta estava bem clara. Apesar de não escurecer, a necessidade de dormir ainda existia, já que a cama estava lá.

Depois de muitas horas observando pela janela, já não tinha dúvidas de que estava em outro mundo. Havia nela uma curiosidade imensa de como funcionava a contagem de dias daqui.

— Para onde estamos indo mesmo?

— Para o pátio. Vamos nos sentar em roda com o restante dos membros do palácio e servos para fazer nossa refeição.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não vão me achar uma intrusa?

— De forma alguma. Neste mundo, qualquer visita é bem-vinda, porém, você não conseguirá se comunicar e não usarei um feitiço de transferência de conhecimento linguístico porque você já conhece a nossa língua.

— Não conheço não.

— Conhece sim, só não se lembra porque está oculto junto com o restante de suas memórias.

— E Nizla e Feron falam a mesma língua?

— Obviamente, assim como o restante dos reinos.

Isso não era óbvio para Lincy, aliás, nada ali era óbvio. Tudo, até mesmo os costumes ainda lhe eram confusos.

— Se isso é verdade, você não poderia usar magia para me fazer lembrar?

— Não acho conveniente agora. Ainda são informações demais para você processar, e, além disso, você pode ter memórias de que não queira lembrar. — Não havia portas no palácio e, seguiram pelos corredores direto ao jardim, onde dezenas de Halisianos estavam sentados ao redor de uma grande árvore se alimentando de frutas e outras plantas. — Chegamos!

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— As refeições são sempre aqui?

— Claro! Um ambiente agradável e fresco. Mas entendo o porquê da sua pergunta. Seu mundo é muito mal preservado.

— Não tenho como negar isso. Mas acampamentos ao ar livre costumam ter muitos mosquitos e criaturas medonhas.

Lunester riu. Assim como muita coisa era diferente para Lincy, muitas coisas que ela contava também eram surpreendentes para ele.

— Não consigo imaginar nenhuma criatura com aspecto diferente do nosso, sabe... dois braços, duas pernas, dois olhos...

— Já entendi! — respondeu Lincy antes que a lista continuasse. — Aqui não escurece mesmo?

Ambos se sentavam lado a lado no chão.

— Não. Aqui é claridade nas 74h do dia.

— Sério que o dia aqui tem 74h?

Lincy estava pasma. Um dia em Halis correspondia a três dias e duas horas na Terra.

— Mas como vocês conseguem dormir na claridade?

— Não entendo a pergunta. Dormir é um processo fisiológico natural. Não há dificuldades.

Foi uma pergunta feita no impulso. No fundo,

PERIGOSAS ACHERON

ela compreendia que eles estavam acostumados com a rotina assim, bem como muitas pessoas se acostumam a dormir com sons, e outras no silêncio; umas de dia e outras à noite.

— E quantos anos se vive em média neste mundo?

— Bem, cerca de 200 anos.

Duzentos anos em Halis corresponde a mais de seiscentos na Terra. Um mundo com diferentes condições de vida... Qual seria o fator que desencadearia tais mudanças? Além disso, apesar do tempo a mais que viviam, pareciam viver de forma natural, sem avanços tecnológicos ou sistemas avançados. Seria essa uma civilização antiga ou mais recente?

Lincy e Lunester se sentaram no chão, coberto com uma grama esbranquiçada e fofa. Algumas pessoas vieram ter com eles se sentando ao lado e conversando. Todos os membros da realeza se sentavam lado a lado com todos os tipos de servos que trabalhavam ali, sem qualquer tipo de preconceito. Volta e meia, encaravam o novo rosto que estava no meio deles. Uma mulher e um homem passavam entre os grupos distribuindo os alimentos que eram colhidos frescos a cada

refeição.

— É muito saboroso isso.

— É sim. — replicou Lunester e, em seguida, continuou conversando na língua deles com os que estavam por perto.

— O que estão dizendo?

— Estão perguntando sobre você, como já era esperado. Uma jovem tão bonita ao lado do príncipe com certeza chama a atenção.

As bochechas de Lincy coraram e Lunester sorriu para ela, que, constrangida, virou o rosto para o lado oposto. Aquele momento social se estendeu por algumas horas, fazendo a visitante ficar impaciente.

— Qual a necessidade disso?

— Precisa tentar se familiarizar... Lincy.

— Me familiarizar como se não estou entendendo nada? — Jeradar veio correndo neste momento, agachando-se do lado de Lunester e lhe falando ao ouvido alguma coisa. Parecia que a informação era importante, tanto que Lunester levantou-se abruptamente pegando na mão de Lincy e a arrastou junto com ele para dentro do palácio até entrarem numa sala mais privativa.

— O que está acontecendo? — Lincy se soltou e

deu alguns passos para trás esperando respostas.

— Ragrim chegou!

— E quem é Ragrim?

Um homem alto de cabelos e barba negros, pele clara e olhos cor de mel adentrou aquele cômodo. Estava encapuzado e vestia roupas muito mais simples em comparação com as outras que ela vira. Com um olhar curioso, se aproximou da jovem Lincy e lhe prestou reverência.

— Não precisa fazer isso! — exclamou ela, perturbada com a situação.

— Foi ele quem nos contou sobre você. — interveio Lunester como se quisesse justificar a atitude de Ragrim. — Parece que eram bons amigos e ele te conhecia bem, e soube, desde o momento que você partiu, que sua alma ainda estava viva.

— Não entendo!

— Lincy... — deu um longo suspiro — faz meses que temos planejado uma forma de salvar Nizla de ser destruído. Ragrim nos deu a melhor solução de todas ao nos contar uma história um tanto curiosa, quanto perturbadora. Bem... eu não trouxe suas memórias de volta por um motivo. Talvez, depois de tê-las de volta, você não queira nos ajudar, mas dependemos de você. É a nossa

última esperança!

— O que querem de mim? Uma promessa de que vou ajudar vocês?

— Ragrim está certo de que vai, mas se eu estivesse em seu lugar, não sei se iria. Não posso lhe obrigar a fazer isso, mas lhe peço encarecidamente que considere o meu pedido. Por favor, princesa Alissya, cumpra essa missão e eu prometo que levarei você de volta para casa em segurança.

— Acho que não tenho escolha, não é mesmo?

— Todos têm.

— E no que consiste essa missão?

— Existe uma tradição antiga de que, de século em século, um servo jovem de cada reino é trocado como uma forma de firmar paz. Se esse servo servir bem ao outro reino, o acordo de paz é restaurado. Em caso de negligência, relações são cortadas, estreitando relações entre os reinos envolvidos, tanto social como econômica. O tempo chegou e recebemos Akira de Nizla. Em troca, queremos enviar você infiltrada, pois acreditamos que você é a única que conseguirá chegar ao coração do rei.

— Isso é loucura! Seus pais já sabem disso?

— Sabem muito bem, não só eles, como

também todo o conselho real.

— E por que devo chegar ao coração do rei?

— Isso você mesmo descobrirá. É melhor que entenda tudo por si só, mas precisamos que amanse o coração de seu pai para que os doze reinos não se voltem contra ele.

— Quanto tempo isso vai levar?

— Não sei... pode levar meses, ou mesmo anos.

— Não tenho tanto tempo! Minha família... eles vão ficar preocupados!

— Então sugiro começar logo.

— Eu não sei se saberei fazer isso. Tenho medo.

— Saberá assim que lhe devolvermos as suas memórias.

Ela não sabia se aceitava, mas não via muitas opções à frente. O príncipe Lunester prometeu que a levaria de volta em segurança somente depois que ela fizesse a missão e, de outra forma, ela não conseguiria. Fechando os olhos, ficou repetindo várias vezes na mente “é só um sonho”. Depois de abrir os olhos novamente, ela viu que, infelizmente, era tudo realidade.

— Tudo bem. Aceito a missão!

Lunester esticou a mão direita concentrando sua energia mágica e, então, utilizou um feitiço de

expulsão que liberava energias e memórias ocultas. Tudo que estivesse escondido dentro dela se manifestaria. Lincy estremeceu toda, dando gritos de dor. Ragrim a segurou antes da queda eminente.

Lunester cessou o feitiço e aguardaram a reação de Lincy. Ela estava de olhos abertos, imóvel e sem reação. Poucos segundos depois, começou a balançar a cabeça de um lado ao outro e, colocando as duas mãos na cabeça, fechou os olhos.

Assim permaneceu por meio minuto completo antes de reabrir os olhos e olhar tudo em volta com outro olhar. Virando-se para Ragrim, que ainda a segurava, saiu de seus braços e entoou as primeiras palavras na língua Halisiana que traduzido seria:

— Quanto tempo, meu velho amigo!

Capítulo VIII

A VIDA DE ALISSYA

Lembranças que Alissya tanto queria esquecer de uma vida infeliz acabaram vindo à tona. Pouco depois de cumprimentar Ragrim, deixou-se cair de joelhos e, olhando para o alto, se deixou dominar pela história que estava oculta em sua mente.

Enquanto permanecia trancada na sala secreta por baixo da biblioteca, Kilas era o tutor responsável por cuidar dela e trazia-lhe tudo o que precisava. Desde roupas, comida e as poucas aulas de magia básica que foi ele quem aplicou. Claro que Alissya era mais esperta do que pensavam.

Por volta das 57 horas, quando o sol de Hom nascia no horizonte, era quando todos iam dormir. Nesse momento, Alissya abria a porta que dava para a biblioteca, onde passava horas estudando, e depois praticava sozinha na gruta. Estava se tornando cada vez mais forte, digna de uma PERIGOSAS ACHERON

princesa merecedora da coroa real.

Só havia uma pessoa que conhecia o segredo de sua força: Ragrim. Ele era um velho mago errante que passava a maior parte do tempo viajando pelo mundo de Halis e descobrindo os segredos escondidos. Assim como Alissya, era uma pessoa solitária, e dedicara a maior parte de sua vida se fortalecendo em suas viagens e meditando.

Foi no nono aniversário da princesa, um de seus vários tristes aniversários, que perdeu a paciência e fugiu. Seu pai raramente ia vê-la, nem mesmo nos aniversários. Por que então ficar lá, onde não era querida?

Era a hora de recolher quando isso aconteceu. Ninguém daria falta, a não ser ao amanhecer do sol de Lir, quando Kilas fosse lhe levar alimentos. Alissya foi levitando pela floresta, sem seguir uma direção específica quando se deparou com uma figura diferente, dormindo no alto de um galho. Era Ragrim.

Tinha uma barba grande, negra, vestia uma bermuda marrom por baixo de uma túnica azul. Estaria ele dormindo mesmo? Com um olhar curioso e de um jeito desajeitado, a princesa se aproximou alguns passos. Nesse momento, Ragrim

desapareceu.

— O que uma garota tão nova como você faz numa floresta tão perigosa como esta?

Era magia de teletransporte! Claro! Alissya já tinha lido a respeito, mas não podia deixar de se espantar. Quase ninguém podia usá-lo, se não, os magos mais fortes, com os genes mais avançados. Agora Ragrim estava por trás dela com energia concentrada em suas mãos.

— Como conseguiu se teletransportar? — perguntou curiosa. — Me ensina?

Agora quem estava surpreso era Ragrim. Jamais presenciara tanta coragem e sabedoria. Na idade dela não deveria conseguir identificar instantaneamente o feitiço usado.

— Não teme a morte, menina?

— Não tenho nada a perder, aliás, não tenho nada.

Ele podia ver pelos olhos da garota, e por sua aura de magia, que a vida dela não tinha sido nada fácil. Mais do que isso, na frente de Ragrim estava o reflexo dele mesmo. Ver a dor no coração da menina fez Ragrim recuar alguns passos e sair da posição ofensiva.

Ragrim foi uma criança que cresceu à margem

de preconceitos por um único motivo: ser forte sem ser nobre. Desde que começou a apresentar dons formidáveis para magia, foi convocado a servir à nobreza. Era muito pequeno quando foi tirado dos pais e treinado.

Qual o sentido da vida? Qual o sentido de estar aqui? Ragrim se perguntou isso diversas vezes antes de fugir anos depois. Ele andava através dos reinos coletando conhecimento e se aprimorando sozinho. Se tornou um mago solitário e chamado por todos de “louco”.

— Concentre sua energia no galho daquela árvore onde eu estava, visualize bem em sua mente o ângulo de aterrissagem, libere a sua energia em todos os pontos de resistência do seu corpo e...

— Teletransporte!

Sem palavras... foi assim que Ragrim ficou ao ver a menina sumindo na sua frente e reaparecendo naquele galho. Sua mão chegou a tremer na hora. Nunca tinha visto tanto talento antes.

— É assim? — perguntou a jovem prodígio.

— Quem é você?

— Me chamo Alissya. Meu pai é o rei, e, não sei porque, ele me esconde de todo mundo.

— Agora muita coisa faz sentido. Não deveria

estar vagando por esta floresta. Se souberem que você existe, podem querer te fazer mal.

— Quem iria querer me fazer mal?

Ragrim não pode dizer nada. Em tantas viagens, ele já viu coisas que ninguém tinha visto, e espiou reuniões secretas que não deveria. Contra Nizla havia uma ordem oculta que tramava contra o reinado de Garyos e sua descendência. Foi até mesmo dito que um deles amaldiçoou a rainha Perla, para que não pudesse ter filhos.

— Isso não é assunto para crianças. Deveria voltar para casa o quanto antes.

— Lá eu não faço falta. Você é forte... pode me ensinar.

— E por acaso você não tem ninguém que te ensine?

— Não... pelo menos não magia de verdade.

Como ela conseguia ser tão forte se não tinha um professor? Ragrim ficou se perguntando isso até por fim ceder a vontade da menina. Para isso, impôs uma condição: fariam isso todos os dias no horário em que todos dormiam e, antes de acordarem, ela deveria estar de volta ao quarto secreto em que vivia. O lugar em que se conheceram seria o ponto de encontro, podendo

variar as áreas de treino.

Assim, o treinamento prosseguiu por vários anos. Já não havia magia que ela não conseguisse fazer, embora nem tudo fosse lícito. Ela se manteve nos caminhos da moralidade, apesar de tudo que vivenciara, e Ragrim lhe ensinou sabedoria. Mais que um tutor, ele se tornara o melhor e único amigo de Alissya.

— Lincy? — Uma mão lhe tocara o ombro e lhe balançara para ver se ela acordava para a realidade. Lunester estava preocupado.

— Tem razão, eu não queria lembrar... — Lágrimas escorriam através da face dela, até que Ragrim a abraçou.

— Sinto muito ter que te submeter a isso. Soube que teve uma vida difícil.

— Estava tudo perfeito até agora a pouco. — levantou-se e fechou os punhos — Como Alissya eu não vivi e, então, dei a mim mesma a oportunidade de fazer tudo o que não pude. Agora sou Lincy ao mesmo tempo que Alissya, mas sei que ambas são uma só. Isso explica muita coisa... as liberações de energia não intencionais, o quanto gosto de ser mimada, meus gostos...

A magia negra usada por Alissya em seu último

PERIGOSAS NACIONAIS

suspiro requer um nível muito elevado de poder, e impulsionou sua alma a encontrar um corpo compatível no universo para poder voltar.

A reencarnação segue critérios, sendo o primeiro a necessidade de um corpo recém-formado e sem alma, ou seja, Lincy nunca existiu quando a alma de Alissya reencarnou no feto. Estaria fadado a nascer um bebê sem vida, como os médicos anteriormente disseram aos pais dela.

O segundo ponto dessa magia negra é que, na inexistência de um corpo sem vida e compatibilidade genética, a alma de Alissya se perderia no nada, como se nunca tivesse existido. Isso fazia a magia ser muito arriscada, pois não havia como saber se existia um receptáculo ideal.

O terceiro ponto, é perda de memória de sua vida passada. Isso foi um ponto favorável para Alissya que, ao morrer, desejava não se lembrar da vida que tivera, e recomeçar do zero. Tudo o que ela não tinha e tanto desejava, recebeu através de Lincy, tendo o primordial: o amor!

— Ainda pode usar magia, mesmo nesse corpo?

Lincy esticou os dois braços em direção à parede e concentrou-se em sentir sua força até chegar numa conclusão.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não. — recuou os braços — Tudo que tenho são resquícios de energia mágica de Alissya. Acho que só consigo usar feitiços leves, portanto, eu não seria capaz de voltar para meu mundo por mim mesma, nem que eu quisesse.

— Isso pode ser um empecilho para a missão. — Lunester estava preocupado agora com a segurança dela.

— Não creio. Conheço aquele castelo muito bem, e conseguirei fazer alguns truques, caso eu precise. Nunca cheguei ao coração de meu pai enquanto Alissya. Eu não tinha coragem e era péssima em questão de relacionamento, mas agora, com minhas memórias e as de Lincy posso conseguir.

— Eu falei que ela aceitaria. — disse Ragrim à Lunester.

— Contou sobre minha vida para ele?

— Apenas o fundamental, princesa.

— Com o fundamental você quer dizer...

— Tudo. — interveio Lunester. — Contou o quão forte era, a forma como cresceu, como seu pai a reprimiu trancando-a na gruta e a privou de tudo a que tem direito. Sinto muito forçá-la a isso, princesa, mas foi por uma boa causa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Muito bem, já não faz diferença. Além disso, a princesa Alissya já morreu.

— Isso é importante para a missão, já que você não irá como Alissya, mas como Lincy. Porém, não ignore as memórias de Alissya, pois elas te ajudarão.

— Sei disso, afinal as duas são quem sou. É melhor eu ir logo, não quero me demorar muito neste planeta.

— Já que não pode se teletransportar mais, Ragrim te levará até lá, te deixando próximo aos portões do castelo. Só precisará levar isso — entregou uma pequena caixa. — Aqui dentro tem uma mensagem de identificação do meu reino com o acordo e um pequeno presente. Quanto as roupas e tudo mais...

— Me darão tudo lá... eu sei! Conheço muito bem as leis desse mundo. Não há um livro de Nizla que eu não tenha lido.

— É uma das vantagens de ser uma Halisiana de nível máximo e possuir aura inteligente.

Alissya sorriu maliciosamente para Lunester. Definitivamente Ragrim não tinha contado tudo sobre ela, do contrário, ele saberia que o nível dela é mais do que o máximo, fugindo ao convencional.

PERIGOSAS ACHERON

Ela um dia já fora a Halisiana mais forte de Halis e agora não passava de uma humana comum, mas que tinha tudo o que queria e que seu poder não pudera lhe dar.

— Até breve, príncipe Lunester. — E abraçaram-se como a forma tradicional que tinham para se cumprimentar. Em seguida, Lincy pegou a caixa e foi para o lado de Ragrim — É hora de irmos.

— Obrigado por ter aceitado a missão, Alissya. Espero que possamos nos ver novamente em breve.

Lincy levantou o olhar e deu outro sorriso, agora sincero. Em seguida, acenou para Ragrim dando a permissão.

— Teletransporte!

Não estavam tão próximos do reino ainda. Teletransporte requer alto nível de energia para uma pessoa, quanto mais para duas. Estavam dentro da floresta ainda dentro das fronteiras de Feron.

— Há algo que queira me dizer? — indagou Lincy.

— Precisarei de pelo menos 15 minutos a cada teletransporte para me recuperar e seguir adiante. Serão mais três viagens até eu me esgotar.

— E depois disso estaremos dentro do perímetro

da cidade real de Nizla, não é mesmo?

— Ainda não, mas estará próximo. Não posso me aproximar muito, pois Garyos mandou me caçar.

— Por que isso? — Lincy estava intrigada. Seu pai nunca fora agressivo, ainda mais com alguém tão inofensivo como Ragrim.

— Existia uma ordem secreta contra o reino de Nizla. Um integrante dela foi responsável pela sua morte. Foram todos caçados, achados e julgados, porém, tudo o que fizeram causou um grande impacto e agora, mesmo a ordem não existindo mais, continuam ameaçando o reinado.

— Mas como?

— Em breve você saberá. Vamos continuar...

— Só uma pergunta, e não é mais sobre isso. Tenho certeza que você usou seu dom de vidência para saber o que aconteceu comigo, mas, por que escolher pedir a ajuda de Lunester?

— Ele era o único que poderia te achar. Jeradar tem o dom de localização e, assim sendo, não há nada que ele conheça que não possa achar. Lunester, por outro lado, tem um dom passivo muito interessante. Ele consegue absorver quaisquer informações e transmiti-las. Ao me tocar,

PERIGOSAS NACIONAIS

recebeu minhas visões de você e as passou para Jeradar, que serviu como bússola para chegarem até você.

— Claro! Agora faz sentido. Jeradar não tem o nível de poder necessário para abrir um portal dimensional, então, depois que Lunester fez com que ele me conhecesse, abriu o portal extraíndo de volta as informações de localização. Um dom bem peculiar, com certeza.

— Essas viagens dimensionais são terrivelmente perigosas, mesmo para os magos mais fortes. É muito fácil se perder no tempo-espço.

Sem mais demora, continuaram a viagem. Para a surpresa de Lincy, o destino final fora a floresta em que tantas vezes tinha ido de noite, se encontrando com Ragrim para treinar.

— E aqui nos despedimos. — Ragrim estava receoso.

— Pelo menos uma despedida. Antes tivesse feito isso naquela época, eu teria sofrido menos.

— Até hoje me arrependo por isso. Sinto que poderia salvá-la se estivesse aqui.

— Já passou, Ragrim, e eu já te perdoo. Apenas esteja por perto desta vez... posso precisar.

Ragrim a abraçou forte, com os olhos repletos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

de lágrimas e, depois de uma reverência, partiu. Sim! Dessa vez ele estaria perto para protegê-la, afinal, fora sua única e preciosa pupila. Mais do que isso! Há muitos anos atrás fora uma menina gentil que tocara o coração de um velho solitário.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo IX

FONTE DO JULGAMENTO

— **A**onde vamos esta noite, Ragrim? —
perguntou Alissya em seu décimo quinto aniversário.

— Até a gruta secreta do julgamento.

Para quem possuía a capacidade máxima de magia fora da realeza, a vida era deveras difícil, sendo alvo de muitos preconceitos. Pessoas assim eram proibidas de passar pelo ritual de transformação, que nada mais era do que um mergulho na fonte do julgamento no aniversário de quinze anos.

Essa fonte localizada bem no centro entre os treze reinos, atribuía a cada pessoa um dom de acordo com a sua personalidade. Todo jovem nascido no planeta Halis sonhava com esse momento, que era obrigatório. Faltando alguns meses para o décimo quinto aniversário já iniciavam a jornada. Era uma caminhada longa até

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

o monte Claridade, e nessa jornada faziam constantes paradas para meditação.

Era necessário que se encontrassem e definissem seus propósitos no percurso. Além disso, precisavam rever sua vida, pois, pureza de coração era fundamental para passar pela fonte, caso contrário, o julgamento não resultaria em um dom, e sim, na morte.

Ao chegar lá cada jovem mergulharia na presença dos treze guardiões e ao sair dali, retornaria ao seu reino para exercer uma função construtiva na sociedade. Mas não era tão fácil. Vários foram os que, ao longo da história, desfaleceram naquele lugar e essa era a razão para o nome da fonte ser “do Julgamento”.

Para que a ordem fosse mantida e a fonte respeitada, foram escritos no livro “Os segredos da fonte”, sete regras de aplicação da fonte, entre elas as regras da morte. Tais livros foram distribuídos por todos os reinos do planeta e ensinados a cada criança Halisiana. Deveriam decorar e conhecer cada uma das regras:

Regra um: A fase ideal é a transição de jovem para adulto.

Regra dois: O jovem deveria ter propósitos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

firmes e bons. Corações impuros são punidos pelas águas.

Regra três: Proibido passar pela fonte mais de uma vez, pois, resulta em morte certa.

Regra quatro: Proibido o uso anterior de magia negra, pois, resulta em morte.

Regra cinco: Corações não arrependidos de seus erros passados resultam em morte.

Regra seis: Pessoas que cometerem crimes imperdoáveis após o ritual, serão novamente jogados na fonte para serem punidas.

Regra sete: Jovens de potencial máximo fora da realeza são proibidos de mergulhar na fonte, podendo, caso o fizerem, receberem punição à parte.

Alissya já devia há meses ter iniciado sua jornada até lá, mas até disso fora privada. Ragrim por ser forte também tinha sido privado de tal privilégio, pois a realeza não desejava que ninguém de baixo tivesse a capacidade de superá-los em poder.

— Não podemos ir. Os guardiões dos treze reinos guardam o lugar.

— Não vamos a fonte, mas há uma gruta secreta que encontrei em uma das minhas jornadas.

PERIGOSAS ACHERON

Quebrei as regras mergulhando nas águas sagradas, mas quem iria ver? Além disso, não tenho culpa se não guardam a nascente da fonte. É seu aniversário e você como todos, deveria ter esse privilégio.

— A nascente da fonte? Nunca ouvi falar disso!

— Ninguém ouviu e, por isso, é secreta. Diziam que não existe uma forma de chegar lá, mas todos estavam errados.

— Teletransporte?

— Sim!

— Mas para isso não temos que visualizar bem o destino?

— Eu visualizei, depois de uma de minhas meditações.

— Você é incrível, Ragrim!

Ragrim se teletransportou de pontos em pontos até por fim chegar lá. Era ainda mais escuro que a gruta em que Alissya vivia. Estavam pisando em uma base não uniforme numa câmara e foi necessário um feitiço Luminus para iluminar o lugar. Poucos metros à frente havia uma fissura na pedra e através dela, podiam ver um poço de águas cristalinas.

— É aqui mesmo?

— É sim! De alguma forma essas águas mágicas

passam por microfissuras na rocha até a fonte do julgamento. Aqui é a origem dela.

— Incrível! — Alissya abaixou o olhar, triste.
— Acha que sou digna?

— Seu coração é nobre e puro. Se não for digna, ninguém mais é.

Alissya se espremeu na fissura e ficou olhando para a água. Não sabia ainda se devia mergulhar ali, mas seu coração queria achar um propósito, e ter uma chance de provar seu valor como todos os outros.

Em meio a esses pensamentos, Alissya olhou para Ragrim e deu um sorriso. Ela finalmente tinha alguém, um amigo. Em seguida, deixou-se cair nas águas. De imediato uma força a puxou para o fundo, tirando todo o ar dela. A vida dela começou a passar em flashes em sua cabeça. Não era a morte e, sim, um julgamento. Ela não chegou a perder a consciência, mas sentiu uma dor e um vazio muito grande que, aos poucos, foi sendo substituído por uma imensa paz.

Pareciam horas na cabeça dela, mas em tempo real se passaram apenas alguns segundos até que a fonte a elevou ao alto. As águas ao seu redor começaram a brilhar e a revesti-la de uma luz

branca e forte.

Ela tinha recebido um dom, e dos grandes, pois tal fenômeno era muito raramente observado. Asas de água reluzente se formaram nela trazendo ela de volta ao solo firme e se desmancharam assim que os pés dela tocaram o chão.

— Ragram! — abriu os olhos e não o encontrou.
— Ragram?

Nenhuma voz respondia. Foi passando pela fissura em direção à câmara ainda chamando por ele, inutilmente.

— Ragram... que dom acha que recebi?

Nada! Ele não estava mais lá. Ondas fortes de energia foram emitidas por Alissya para detectar a presença dele, todas em vão. Aquela foi a última vez que o vira.

— Qual o seu nome, jovem?

— Lincy... — Ela estava parada de frente a dois magos da guarda que rondavam os arredores da cidade real de Nizla. — Lincy de Feron, e sou a escolhida para servir vossa majestade.

— Nos acompanhe.

Aqueles homens a conduziram até o pátio do castelo e foram ter com o rei Garyos. Lincy estava parada, aguardando ser chamada, enquanto

observava tudo ao seu redor. As colunas arredondadas na entrada, as árvores plantadas simetricamente através de todo o jardim, a terra macia que seus pés tocavam e tudo mais lhe causava uma forte sensação de nostalgia. Quantas vezes já andara por ali desobedecendo o toque de recolher?

— Lincy de Feron! O rei aguarda sua presença.

Ela assentiu com um balançar da cabeça e os seguiu para dentro do palácio. A vigilância parecia redobrada em alguns pontos e portas que não existiam estavam lá. Várias coisas aconteceram nos anos em que ela esteve ausente.

— Aproxime-se, jovem.

Garyos estava exatamente igual Lincy se lembrava. Estava de pé no salão real, ao lado de sua esposa. Lincy caminhou cautelosamente na direção deles e curvou-se respeitosamente oferecendo a caixa que carregava consigo.

Foi Perla quem pegou a caixa e a abriu. Ela estava encantada com o rosto juvenil de Lincy e o jeitinho dela. Dentro da caixa havia um pergaminho com as informações cruciais do acordo secular, algumas pedras raras de presente e uma carta amistosa dos reis de Feron. Garyos verificou tudo e

aparentou gostar do presente.

— Qual a sua função, minha jovem?

— Será a que vossa majestade me determinar.
Sou sua serva à disposição do que lhe aprouver.

— Complicado. Achei que já estava treinada em algo.

— Sei que aparento ser bem jovem, mas lhe afirmo que sou bem capacitada.

— Qual o seu nível de poder?

— Lamentavelmente baixo, se me permite dizer.

— Então já não serve na guarda. Mas isso não é de todo ruim. Me diga, qual o seu dom?

Lincy não esperava por essa pergunta. Se ela dissesse que não possui dom seria como dizer que mentiu quanto ao seu nível, uma vez que teria que ter o nível máximo para ser proibida de receber um dom pessoal. Por outro lado, se ela dissesse que tem qualquer dom, o rei poderia pedir provas. Ela estava encrocada e precisava pensar em algo o mais rápido possível.

— Meu dom infelizmente não é de grande utilidade.

— Apenas me diga qual é e eu determinarei se será ou não útil.

— Posso ler a última vontade dos mortos. —

Lincy estava calma por fora e tremendo por dentro. Torcia para que não houvesse ninguém ali com o dom de identificar quando uma pessoa mente ou fala a verdade — Se eu concentrar minha energia na cabeça de alguém que tenha morrido, conseguirei sentir quais foram os últimos pensamentos que teve, antes de morrer.

— Curioso esse dom, e muito peculiar também.

— As pessoas costumam dizer sua última vontade ainda em vida, majestade.

Ninguém discordara dela, deixando-a aliviada. Era uma resposta perfeita, uma vez que não haveria como comprovar a veracidade do dom. Ninguém teria motivos para desconfiar, e se quisessem perguntar algo de alguém que morreu, era só ela inventar. Mortos não contestam...

— De fato. — Ele cruzou os braços pensativo — Nesse caso, não sei a que lhe designar. Minha esposa Perla ficará encarregada disso.

Perla se aproximou de Lincy e a abraçou. Em seguida, se afastou alguns passos e sorriu.

— De agora em diante será minha acompanhante e estará por perto para tudo que eu precisar.

— É um cargo de muita confiança, minha

amada. Tem certeza que o dará a uma desconhecida?

— Alguma vez já me enganei, meu rei? Meu dom é sentir energias, e a dela é tão positiva e agradável.

— Se assim deseja, será uma honra servi-la.

O destino parecia favorável à Lincy. Tudo ia bem melhor que o planejado. Talvez houvesse um plano maior com tudo que aconteceu. Seja como for, ainda havia muito que ela precisava descobrir antes que, enfim, conseguisse chegar ao coração seu pai.

Capítulo X

PERLA

Perla guiava Lincy pelos corredores até chegar num cômodo grande com uma imensa cama. Havia uma pequena parede no canto do quarto que dava para um cômodo menor, com uma cama e uma pequena prateleira. Não havia uma porta ou qualquer coisa entre os dois cômodos.

— É aqui que você ficará.

— Dentro do seu quarto... majestade?

— Sinto que posso confiar em você. Olhar para você me toca o coração. Tão jovem e tão sozinha num reino desconhecido. Mesmo que não diga nada, sei que não deve ser nada fácil e eu gostaria de cuidar de você.

— Mas sou eu quem devo cuidar de vossa alteza...

— Seja como minha filha!

— Como? — Lincy estava pasma com a declaração surpresa de Perla. — Sua filha?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sei que isso deve ser confuso, mas não aguento mais me sentir tão só. — Perla estava com as mãos no coração. O olhar molhado como o de quem queria chorar. — Eu tenho que aceitar que jamais serei mãe, que nunca poderei dar filhos ao rei, e isso me machuca... muito.

Lincy olhou compadecida para Perla. Ela não conheceu sua madrasta de verdade, pois, até disso, fora privada. Será que se Perla soubesse da existência de Alissya teria sido uma boa mãe? Num movimento quase involuntário, Lincy pegou as mãos de Perla e as segurou com carinho.

— Sei que vossa alteza terá muitos filhos saudáveis e fortes. Não desanime!

— Não, Lincy. Eu não posso. Ragrim profetizou isso, que jamais poderei ter filhos.

Será que é por isso que Ragrim fora banido de Nizla? Originalmente ele pertencia ao reino de Jilfa, de onde fugira para nunca mais voltar.

— Esse Ragrim do qual fala... quem é? Onde está?

— Não sabemos onde está! — puxou Lincy e se sentou na cama dela, convidando-a à se sentar ao seu lado. — É uma longa história e não sei se eu deveria dizer-lhe.

PERIGOSAS ACHERON

— Por favor, me diga! Vai aliviar seu coração. Não quero que carregue esse peso todo para si.

— É muito complexo. Ragrim é um mago louco que vaga sem rumo através dessas vastas florestas. Mas existiu um tempo em que ele nos ajudou. A ordem oculta tramava contra meu marido e seu reinado, isso há muitos anos atrás. Ele nos ajudou a identificar todos os membros dessa ordem, que foram julgados e destruídos, mas, após isso, desafiou Garyos, culpando-o pela morte de sua filha e disse que em consequência de tão grave ato eu jamais seria capaz de dar uma descendência. Sou julgada igualmente culpada.

— Mas o rei matou a própria filha? Não entendo!

— Não, mas não lhe deu amor e a proteção de que ela precisava. Desde então, nossas vidas têm sido tristes e amargas. Não quero mais me sentir assim!

Perla estava em lágrimas. Lincy a abraçou e puxou para si. Ela não era a única que havia sofrido com sua vida. Todos, no fundo, possuem alguma dor oculta, uns mais, outros menos. Essa dor muitas vezes abre um buraco, um vazio na alma o qual, quem a tem, luta desesperadamente para fugir ou

preenchê-lo com algo.

Sem mais esperanças de futuro e achando que ninguém poderia compreendê-la, Perla depositou suas esperanças numa jovem desconhecida com quem simpatizara. Foi uma decisão desesperada, mas a melhor que tivera.

Naquela tarde, Perla contou à Lincy sobre sua vida e como conhecera Garyos num festival na cidade. Foi amor à primeira vista, e desde então começaram a planejar o futuro juntos. No entanto, Garyos nunca lhe contou que já tivera um caso no passado. Ele tinha vergonha de dizer que se envolveu com uma serva e que ela lhe dera uma filha, morrendo logo após o parto.

Kilas, irmão caçula do rei e um amigo de sua inteira confiança, é o único que conhecia a verdade e o ajudou a encobrir o caso, sugerindo ao rei que escondesse a criança no cômodo secreto que havia no palácio. A entrada da biblioteca real era muito restrita, sendo apenas para os membros da família real e os funcionários da limpeza. Dessa forma, eles poderiam cuidar da menina a mantendo perto ao mesmo tempo em que escondiam a verdade.

O rei só vira a pequena Alissya cinco vezes na vida. A primeira foi quando ela nasceu, a segunda

quando ela fez um ano, a terceira e quarta vez foi quando ela começou a mostrar potencial mágico. Ficou horas conversando com a menina sobre o mundo e sobre a energia que ela possuía. Nessa época ele já era casado com Perla.

A quinta e última vez que Garyos viu Alissya, ainda em vida, foi quando ela usou a primeira magia dela, aos quatro anos. Nesse momento, ele percebeu que estava se apegando muito a filha e que precisava parar de vê-la. Desde então não voltou mais lá e proibiu Kilas de continuar ensinando-a.

Foi somente no dia da morte de Alissya que todos passaram a conhecer sua existência. Um guarda interrompera o festival de artes que acontecia anunciando ao rei uma catástrofe. Foram encontradas duas pessoas mortas no corredor do palácio, sendo uma nada mais nada menos que a prima do rei.

Indignado com o ocorrido, Perla e Garyos, juntos com os guardas de maior confiança, foram averiguar a cena. Assim que chegaram, Kilas olhou perplexo e foi o primeiro a se pronunciar.

— Alissya? Mas como?

O rei olhou para Kilas e depois para a jovem

morta.

— Como uma maga tão jovem se atreveu a matar a prima do rei?

— Tudo indica que essa jovem apenas se defendeu, tendo sido a primeira a ser atacada, e pelas costas. — apontou o perito mago que chegara alguns minutos antes para estudar os fatos.

O rei correu para o lado da jovem e a abraçou inconsolado.

— Não! Minha filha...

Todos ficaram perplexos e o mundo de Perla desabou naquele momento. O rei já tinha uma filha. Uma filha que ela não pudera dar. Ele não quis ouvir mais ninguém naquele dia. Nada o acalmava e a notícia de que ele tinha uma filha que fora assassinada se espalhou rapidamente por todos os treze reinos.

Inconformado, Garyos ignorou a todos, até mesmo sua própria esposa que ansiava por explicações para ordenar que se achassem todos os culpados. A ordem oculta foi então perseguida, seus segredos desvendados e todos, sem exceção, aniquilados.

As coisas nunca mais voltaram a ser iguais entre Perla e Garyos. O amor esfriou e um sentimento

PERIGOSAS NACIONAIS

forte de culpa e um complexo de perseguição passaram a fazer parte da vida do rei.

Ele vivia achando que todos eram ameaça e tomava medidas extremas para muitas situações, incluindo a proibição de que pessoas de outros reinos entrassem nas fronteiras de Nizla. Com isso, a economia do reino fora prejudicada e a pressão interna se elevou, obrigando o rei a voltar atrás com algumas coisas.

Apesar disso, ele ameaçava outras medidas ainda mais graves, como condenar inocentes e pessoas que cometeram pequenos erros ao passarem pela fonte do julgamento uma segunda vez, mesmo sabendo que isso os levaria à morte.

Outra coisa que ameaçava fazer era querer privar jovens fortes da realeza de passarem também pela fonte, mesmo sabendo que era um direito inviolável e, além disso, obrigar os outros reinos a fazerem o mesmo.

Cada vez mais a pressão em torno de Nizla aumentava e, devido ao rei não ter descendência para assumir o trono em seu lugar, os outros reinos estavam em estado de alerta podendo a qualquer momento invadir Nizla para destituir Garyos à força e agregar o território ao de outros reinos. Era

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um reino que estava a ponto de, literalmente, desaparecer.

— Não importa o que eu diga, ele não me ouve mais. Tenho medo, dia após dia, do que as ações de meu marido possam gerar. A muito custo o convenci de renovar o acordo de paz com Feron, e agora tenho você, mas isso é tudo.

— Deve haver algum jeito de você tocar o coração de seu amado, majestade. Um amor como o de vocês não morre nunca. Tente relembrar juntos os tempos em que eram felizes.

— Nunca mais seremos felizes, Lincy. Ele destruiu nossa felicidade com as mentiras e atitudes egoístas dele.

— E você vai simplesmente desistir?

— O que mais posso fazer? Pelo menos agora tenho você para conversar e me fazer companhia.

— Perla acariciou a cabeça de Lincy.

Lincy jamais seria a filha que ela queria. Ela tinha um lar e uma família que, desesperadamente, tentava encontrá-la. Nesse momento, Garyos entrou no quarto e olhou de relance para sua esposa ao lado da “serva” dela.

— Ela vai dormir aqui?

— Vai sim! — declarou Perla sua vontade.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Pois bem, dormirei em outro lugar então.

— Desculpe interromper, mas não quero que briguem por minha causa. — manifestou-se Lincy preocupada. — Posso dormir em qualquer canto, mesmo do lado de fora.

— Não! — insistiu Perla. — Ela precisa me fazer companhia. É a função dela agora, Garyos... por favor!

— Está bem. Mas que não ousem interromper meu sono.

Garyos foi dormir emburrado. Naquele momento, Lincy sabia que não seria nada fácil cumprir sua missão. Nos dias que se seguiram, ficou andando ao lado da rainha lhe fazendo companhia e ouvindo suas histórias. Onde uma estava, a outra ia atrás. Provavelmente, Perla teria sido uma boa mãe para Alissya.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XI

DE VOLTA À GRUTA

A pesar de tudo ir bem, havia um inconveniente na função a qual Lincy fora designada. Sempre havia guardas por perto, mesmo na entrada do quarto do rei. Ela não conseguiria sair sozinha pelo palácio para investigar as mudanças e, para isso, contava unicamente com a boa vontade de Perla de lhe contar tudo.

Outra dificuldade que ela tinha era de conversar com o rei. Quase o tempo todo ele estava atarefado, então Perla ficava rondando os jardins e o palácio por conta própria para ver se estava tudo em ordem.

Como se fosse mesmo a mãe de Lincy, cuidava bem da alimentação dela e exigia que todos no palácio a respeitassem. Como serva, Lincy estava sendo tratada melhor do que como princesa, quando era Alissya.

— Mesmo fazendo pouco tempo que está comigo, já não consigo me imaginar sem você. —

PERIGOSAS ACHERON

A rainha olhava com imensa ternura para Lincy ao entoar essas palavras.

Já fazia duas semanas que ela estava lá. Na terra ela estaria desaparecida há mais de 1 mês e isso preocupava muito Lincy. Porém, um detalhe intrigava Lincy. De acordo com Perla, fazia cerca de 20 anos que Alissya morrera, e essa era a mesma idade que ela tinha na Terra.

— Perla. — É assim que ela pedira para ser chamada. — Será que eu poderia conhecer a biblioteca?

Perla abaixou a cabeça e, depois de pensar um pouco, consentiu.

— Não podemos ficar lá muito tempo, tudo bem?

— Algum motivo específico?

— Sim. Te mostrarei quando chegarmos lá.

Caminharam vagarosamente até lá. Assim que Lincy viu as imensas prateleiras de livros, mais memórias invadiram sua mente. Ela sabia exatamente o que havia escrito em qualquer um daqueles livros e a localização de cada exemplar em sua respectiva seção.

Perla foi lhe dando um resumo de toda essa parte, sem saber que a garota conhecia mais da

biblioteca do que ela mesma. Ao final do segundo corredor, Lincy parou e olhou em choque para o brasão... a entrada da gruta do qual vivera quase toda a vida.

— Está tudo bem... Lincy?

Perla segurou no ombro de Lincy intrigada com a reação que ela tivera. Parecia que queria chorar.

— Desculpe, não é nada.

— Tem certeza?

— É só que... o brasão de Nizla aparece somente neste corredor. Parece uma porta.

— Você está certa! Gostei de ver o quanto é perceptiva. Pessoalmente deixei de vir aqui na biblioteca desde que soube que, ali dentro, a princesa ficou escondida de todos.

— Foi aqui? — Lincy se fingiu de desentendida, como fazia com frequência em relação a tudo.

— Sim, e é aqui que ela continua.

— Como assim? — Agora ela realmente não entendeu.

Perla concentrou a energia dela no brasão. A energia se espalhou ao longo de todo o símbolo e a porta de entrada se moveu. A porta sempre se fechava poucos segundos depois quando a energia utilizada para abrir terminava de se dissipar.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Venha. Mas não vamos nos demorar... tudo bem?

Lincy concordou e entrou atrás de Perla. Tochas iluminavam a descida e a pequena gruta. Lincy estremeceu e deixou-se cair de joelhos.

— Não é possível! — indagou.

— Está tudo bem, filha?

Por um momento Lincy quase desmaiou. Em sua frente estava seu antigo corpo, como Alissya, vitrificado dentro de um cristal. Alissya era mais baixa e possuía cabelos negros bem compridos. O rosto de Lincy era um pouco mais alongado e apenas os olhos cor de mel eram iguais. Alissya também era bem magrinha e tinha uma pele bem branca, mesmo antes de morrer.

— É uma desonra conservarem um corpo assim.

— Lincy falou com fúria ao ver a cena, assustando Perla, que não compreendia a reação dela.

— Garyos nunca quis dizer adeus à filha. Ele insistiu em mantê-la conservada assim, para que pudesse continuar vendo-a e falando com ela.

— Do que adianta ele querer fazer isso agora que ela já morreu?

— Se acalme, minha filha. Não entendo, por que ficou assim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Lincy estava em lágrimas. Aos poucos foi se acalmando. Ela tinha deixado transparecer uma reação que não deveria e agora precisava inventar uma desculpa para explicar seu comportamento.

— Me perdoe. É que ver isso me fez lembrar de uma coisa que me gerou um trauma.

— Gostaria de falar sobre isso?

— No momento não. — se recompôs e levantou-se. — Perla... acha que teria amado Alissya como se fosse sua filha, se soubesse da existência dela?

— Sem dúvidas. Outra mágoa que tenho é por Garyos ter me restrito da chance de ter cuidado de sua filha. Ele não entendia que eu o amava e o aceitava com todas suas qualidades e defeitos.

— Acha que Alissya era um defeito?

— Não. Um filho é sempre um presente. Seria um privilégio ter cuidado dela, mesmo que, posteriormente, eu tivesse tido filhos de meu ventre.

Lincy observou por mais alguns segundos seu próprio corpo e em seguida deixou o recinto juntamente com a rainha. Ter estado frente ao seu antigo corpo mexeu com a mente dela de uma forma que não conseguia entender.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Na hora do toque de recolher daquele mesmo dia, em seu quarto, ela se remexeu na cama de um lado ao outro sem conseguir dormir. Após ter certeza de que Garyos e Perla estavam dormindo, decidiu dar uma escapada, como nos velhos tempos. Dessa vez, com a magia limitada, teve que sair pela janela e ir andando até a biblioteca.

Por sorte os pontos de vigília não tinham mudado. Sem ser percebida, concentrou sua magia no brasão e entrou na gruta ficando de frente para o seu corpo. Tudo na gruta estava como ela se lembrava, desde uma cama grande num canto, algumas cadeiras de madeira, um pequeno armário com suas antigas roupas e objetos pessoais e, uma área aberta no centro, que era onde ela treinava magia quando criança. O corpo de Alissya estava sobre uma rocha próxima ao lago da gruta.

— E pensar que você sou eu... — Por longos minutos ficou refletindo naquilo. Um sentimento de angústia a estava dominando, até que um som ecoou ali.

A porta de entrada estava se abrindo e não dava tempo de sair, muito menos havia onde ela se esconder. Ao olhar o homem que entrara, teve uma reação um tanto surpresa.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Miridar! — Ops... sem querer, deixou escapar isso.

— Fez igual Alissya quando me via.

Miridar caminhou na direção de Lincy e se colocou entre ela e o corpo de Alissya.

— Não deveria estar aqui. — disse num tom grave e sério.

— Nem você! — respondeu Lincy num tom mais sereno, fazendo-o rir. Afinal... ela estava certa.

— Como sabe meu nome, Lincy de Feron?

— Te respondo se me disser como sabe o meu.

Novamente ele tornou a rir e cruzou os braços. Apesar de estar mais velho, seu rosto juvenil continua praticamente o mesmo de quando se viram pela última vez.

— Todos sabem seu nome. Desde que chegou neste reino, os guardas e servos daqui não param de comentar da garota de Feron, que anda para todos os lados com a rainha, como se fosse sua filha. Dizem que ela enlouqueceu.

— Não deveria falar assim da rainha.

— Mas não sou eu quem digo isso. Agora me diga você... Como sabe o meu nome?

— Uma vez te vi de longe. Você me chamou a

PERIGOSAS ACHERON

atenção e então perguntei à rainha o seu nome — Invenção pura, mas ela sabia disfarçar muito bem. Lincy não mentia, mas desde que suas memórias voltaram, se viu na necessidade de fazer isso.

— Então quer dizer que te chamei atenção?

— Claro! É um homem muito atraente.

Ele ficou olhando por alguns momentos para Lincy. Ela acabou desviando o olhar constrangida, se perguntando o porquê de ter dito aquilo.

— Você também é muito atraente, e mesmo que pareça loucura o que vou dizer... me lembra muito da Alissya.

Ele tocou o rosto de Lincy e depois virou-se para o caixão de cristal, olhando Alissya.

— Por que diz isso?

— Não sei explicar. Desde que Alissya morrera, nenhuma outra garota voltou a me chamar a atenção, até que vi você. Tenho te admirado em segredo desde então.

Miridar foi o primeiro amor de Alissya, mas traiu os sentimentos dela ao ficar com outra garota no dia do festival. Isso veio à mente da Lincy que queria tirar essa história a limpo de alguma forma.

— Você amava Alissya? Achei que ninguém soubesse da existência dela além do rei e de um de

seus guardas...

— Vamos dizer que descobri sem querer essa passagem e visitava a princesa às escondidas.

— Entendi. Então vocês dois tinham um relacionamento secreto?

— Eu não diria bem isso. Aliás, por que estou te contando tudo isso?

Lincy foi quem riu dessa vez. Aproximando-se do caixão de cristal ficou lado a lado com Miridar e olhou para seu antigo corpo.

— Ela também te amava?

— Eu não sei. Nunca tive a oportunidade de me declarar para ela. — A voz era de pesar e ele parecia muito pensativo. — Soube que tem o dom de ler a última vontade dos mortos. Poderia fazer isso com ela?

Ela ficou olhando Miridar por um momento. Ele era apenas um servo, então ela não tinha a menor obrigação de lhe dizer isso, embora soubesse muito bem responder o que lhe fora pedido. Por fim, esticou a mão por cima da cabeça de Alissya e fingiu concentrar sua energia. Depois retirou a mão e baixou o rosto.

— A última vontade dela foi ter tido uma vida diferente. Queria ter tido uma família que a amasse

e uma vida normal.

— Entendo. — Miridar baixou a cabeça entristecido. No fundo ele sabia que era bem isso.

— Por que perguntou isso? Sinto que há algo mais.

— Ela morreu por minha culpa. Eu jamais vou me perdoar.

— Por que diz isso? — Lincy o olhou confusa e se afastou alguns passos.

— Eu ia vê-la todos os dias, na hora que todos iam dormir para não chamar a atenção, mas, no dia que ela morreu, eu não fui. Alissya deve ter saído do esconderijo para me procurar e, por isso, foi achada.

— Não se sinta culpado! Não foi você quem a matou.

— Eu não quero falar disso... — Miridar saiu correndo dali. Se a amava, por que ficou com outra? Isso é algo que ela ainda iria descobrir.

Capítulo XII

MIRIDAR

No dia seguinte, no toque de recolher, Lincy retornou à gruta um pouco mais tarde que no dia anterior.

— Sabia que estaria aqui.

Miridar estava de pé, de frente para o corpo vitrificado.

— Como sabia que eu voltaria?

— Você me disse que vinha vê-la todos os dias. Pensei que o hábito poderia ter continuado.

— Parece até que você já me conhecia. Se eu disser que eu torcia para você vir, acreditaria em mim?

— Talvez... depende do porquê você queria isso.

— Gosto do seu jeitinho, de sua sinceridade.

— Ah é?

Miridar se aproximou de Lincy, a pegou pela mão e a puxou para perto dele abraçando-a.

— Disse que sou atraente ontem, e tenho que admitir que você me encanta também. Meu coração voltou a bater forte, depois de todo esse tempo.

Lincy o empurrou e se afastou alguns passos com a respiração ofegante.

— Como consegue me dizer essas coisas tão

tranquilamente na frente do corpo de Alissya? Não era ela a sua amada?

— Já era hora de eu superar tudo o que aconteceu. Vim aqui todos os dias desde que ela morreu, atormentado com um sentimento de arrependimento e culpa.

— De novo essa história? Por que sente culpa?

— Porque se eu não tivesse aberto a boca, a ordem oculta não saberia da existência dela.

— O quê? — Lincy ficou pasma. Quantas coisas mais iria descobrir sobre seu passado?

— Meu amor estava fadado a nunca dar certo. Como eu pediria a mão da princesa ao rei? Eu... um simples servo! Além disso, ela estava escondida. Pensei em fugir com ela inúmeras vezes até que...

— Ele se calou. Era evidente que alguma lembrança ainda o atormentava.

— Até que?

— Até que Tany apareceu. Ela era da nobreza, filha de uma mulher bem elegante chamada Dinalya, prima do rei. Ela começou a me rondar e dizer que me amava, e me senti lisonjeado. Acabei me deixando levar. Um dia antes do festival, deixei escapar que eu não iria porque tinha compromisso com Alissya.

— E acabou contando para ela da filha do rei?

— Não! Não exatamente... mas dei pistas de que havia alguém no palácio. Achei que se eu aceitasse ir ao baile com Tany, ela pararia de tentar descobrir sobre Alissya. Eu realmente não imaginava que era só um pretexto para a mãe dela...

— Procurar Alissya para matá-la. Traiu o coração de Alissya e ainda por cima a deixou esperando justo no dia de seu aniversário? Não achou que ela iria atrás de você?

— Como sabe de tudo isso? — perguntou Miridar perplexo.

Lincy acabou falando mais do que deveria. Suas mãos tremulavam e seu coração batia forte. Mais do que estar frente a frente com seu primeiro amor, ela estava tendo que enfrentar a verdade sobre sua própria vida.

— Quando usei o dom em Alissya pude sentir também seus sentimentos em seu último momento de vida. Por isso venho aqui. A história dela me intriga.

— Quais os sentimentos que ela teve? — Ele já estava elevando a voz a ponto de fazer Lincy se assustar. — QUAIS?

— Desilusão, dor, solidão. Ela também te amava

PERIGOSAS NACIONAIS

e se decepcionou com você, pouco antes de morrer.

Os olhos de Miridar estavam se enchendo de lágrimas. No entanto, a dor dele não importava à Lincy naquele momento, pois ao reviver tudo isso, ela também queria chorar, e muito. Dessa vez foi ela quem saiu correndo, e conseguiu levitar por um pequeno pedaço entrando pela janela do quarto silenciosamente, ao mesmo tempo que liberava energia em diferentes pontos para se camuflar.

Jogando-se na cama, chorou amargamente por longas horas, tentando tampar seu rosto com os cobertores para não fazer muito barulho e acordar seu pai e sua madrasta. Logo pegou no sono e dormiu sendo, pela primeira vez, cutucada pela rainha para acordar.

— Você está bem, filha?

— Perla? — Lincy estava com dificuldades para abrir o olho, mas esforçou-se um pouco para se levantar e se colocar à disposição.

— Você não me parece muito bem. Se quiser descansar mais...

— Não é necessário, majestade.

— Perla... minha filha. Me chame de Perla!

— Perdão, Perla. Vou me arrumar e em poucos minutos estarei pronta.

PERIGOSAS ACHERON

— Deixe-me ajudá-la.

Perla ajudou Lincy a se trocar e penteou os cabelos dela, fazendo uma bela trança. Em seguida, caminharam até o jardim e se sentaram na grama onde Perla passou algumas horas ensinando Lincy a cultivar uma flor usando magia. Era algo novo para ela, que Perla descobrira por acaso há alguns anos.

— Desculpe interrompê-las, mas o rei exige a presença da Lincy.

— E por que isso, Miridar? — perguntou a rainha com espanto. Seu olhar era de preocupação.

Lincy ficou desconcertada na presença de Miridar, e isso era recíproco.

— Muito bem! Diga ao rei que iremos daqui a pouco.

— Perdão, majestade, mas ele exige que seja agora e quer conversar com Lincy a sós.

— Peça para o meu marido rever a decisão dele. Lincy só irá se eu for junto.

— Está tudo bem, Perla. Não se preocupe comigo, ficarei bem.

Perla olhava com preocupação para Lincy, ao vê-la caminhando ao lado de Miridar para dentro do palácio. Lincy tentou manter uma distância mínima de Miridar, mas assim que virou o corredor

PERIGOSAS NACIONAIS

ele a puxou para si e a travou na parede.

— Para com isso, Miridar. O que pensa que está fazendo?

— Eu não consigo parar de pensar em você. Por favor, precisamos conversar.

— Não temos mais nada para conversar.

— Está enganada. — Ele se aproximou tentando roubar um beijo. — Lincy queria empurrá-lo, mas ele era muito mais forte. Acabou que a única alternativa que ela viu foi morder o lábio dele com força.

— Por que fez isso? Não tente me beijar de novo.

— Sei que também gosta de mim, do contrário não teria tido aquela reação ontem. Sei que não nos conhecemos bem ainda, mas quero ter uma oportunidade com você. Não precisa ter ciúme de Alissya, pois ela está no passado. Agora você é meu presente, e é teu meu coração.

— Diz isso para todas mulheres?

— Não há outras para mim.

— E por acaso essa história de ir conversar com o rei era tudo mentira?

— Não. — Ele se afastou alguns passos. — Ele realmente te espera.

PERIGOSAS ACHERON

— Você contou a ele que fui ver o corpo de Alissya?

— Não. Seria como dizer que eu também vou. Não sei do que se trata, então é melhor irmos. Mas antes, quero que me prometa uma coisa.

— Prometer o quê?

— Que voltará hoje na gruta para podermos conversar.

— É muito arriscado eu ficar saindo sempre.

— Por favor! Ainda temos assuntos pendentes.

— Vou pensar.

— Miridar?

Era a voz de Kilas. Havia saído do lado do rei para verificar o porquê da demora.

— Já estávamos a caminho, Kilas.

— Vamos logo então. O rei está ficando impaciente.

Não seguiram para o salão real, como seria de costume. Ao invés disso, foram para um pequeno cômodo, com uma porta que se abria com magia. Lá dentro, o rei estava sentado junto à mesa, lendo alguns pergaminhos.

— Me deixem a sós com ela. — ordenou Garyos assim que os viram. Miridar e Kilas saíram do recinto e a porta se fechou em seguida. — Se

aproxime, minha jovem.

Lincy deu alguns passos para frente e aguardou as próximas palavras. Estava apreensiva, pois não tinha ideia do assunto que iria ser tratado.

— Ontem, lá para as 64h, acabei acordando do meu sono e escutei você chorando.

— Sinto muito, majestade, não queria acordá-lo.

— Não foi culpa sua. Tenho tido sonhos estranhos desde que você chegou, mas o de ontem não foi um sonho comum, e sim um pesadelo. Sonhei que minha Alissya gritava por ajuda esticando sua mão em minha direção e eu corria em direção a ela e não a alcançava. Por mais que eu me esforçasse, não conseguia sair do lugar.

— Já pensou que isso pode ser um sinal?

— Um sinal de quê?

— De que o problema está em você, já que não conseguia sair do lugar. No sonho Alissya falava contigo, mas agora é seu povo que clama por mudança. Talvez precise estender a mão para quem está próximo a você, e deixar o passado para trás para seguir adiante.

— Você é muito corajosa ou muito tola para me dizer tais palavras. Me diga, sente saudades do seu lar?

— Por que a pergunta, majestade?

— Apenas me responda, com sinceridade. —
Ele se inclinou para trás na cadeira e cruzou os braços.

— Bem, se eu disser que não sinto seria mentira.

— Nesse caso tenho algo para te propor. Está livre para voltar para Feron no momento que quiser, e mantereí o acordo de paz. Em troca, não deve contar nada para minha esposa e partir em silêncio.

— Me recuso, majestade. Tenho um dever para cumprir com vossa alteza. Além disso, sua esposa irá sofrer muito se eu for. Não se importa com isso?

— Me importo, e é justo por isso. Ela está se apegando demais a você e não posso permitir que ela tenha ilusões. Você não é, e nunca será nossa filha. Alissya... ela sim é minha filha, minha única filha e vou zelar para que continue assim.

Garyos estava exasperado. Lincy não passava de uma intrusa, uma pessoa desconhecida e suspeita que não tinha o mínimo direito de ter um relacionamento tão próximo com a rainha. Afinal, nem de Nizla ela era.

— Tem razão, vossa alteza. Jamais pediria para ser chamada assim, pois sou apenas uma humilde

serva, que obedece a essa família real.

— Então vá, e não diga nada à Perla. Ou, do contrário, terei que te calar de outra forma.

— Com licença.

Lincy saiu entristecida daquela sala. Não era a primeira vez que tinha sido renegada pelo pai. Será que se ela dissesse a verdade de uma vez seria mais fácil? Ela se perguntou isso algumas vezes e, no fim, achou por bem manter o segredo, pois se dissesse que era Alissya, dificilmente conseguiria voltar para casa.

Correndo pelos corredores em direção ao jardim, Lincy parou por um breve instante, se apoiando na parede para não cair. Teve um momento de fraqueza assim que começou a se lembrar de sua família, do seu irmãozinho Hugo e seu namorado. Talvez devesse ter aceitado a proposta do rei...

— Eu prometo voltar para vocês assim que puder.

E desatou em lágrimas novamente. Miridar a viu ao longe e se aproximou sem que ela percebesse, a abraçando por trás.

— Me corta o coração ver você assim. O que o rei disse que te machucou tanto?

— Não me pergunte isso, Miridar. O rei me

proibiu de dizer. — Acabou se deixando envolver pelos braços quentes de Miridar, onde ficou até se acalmar. Ela não conseguia odiá-lo, e ainda sentia, lá no fundo, o mesmo apreço que Alissya tinha por ele.

— Tenho que ir. A rainha me espera.

— Até mais tarde então?

Ela olhou para ele pensativa e então desviou o olhar, correndo para o pátio sem dar uma resposta. Apesar disso, Miridar sorriu. Estava confiante de que a veria novamente em breve.

Capítulo XIII

ORDEM OCULTA

— Você veio! — O rosto de Miridar se iluminou ao ver Lincy descendo os degraus em sua direção.

— Você tinha razão, ainda temos coisas pendentes.

— Venha, sente-se ao meu lado.

Ele estava sentado no mesmo lugar que costumava se sentar ao lado de Alissya, no chão próximo do lago, colocando os pés na água. Lincy acabou se sentando ao lado dele, na mesma posição e do mesmo lado que fazia quando era Alissya, fazendo com que ele a fitasse com um olhar perplexo. Lincy acabou rindo da expressão facial dele.

— O que foi?

— Essa sua cara séria... está engraçada.

— Não vejo graça.

— Eu vejo.

Lincy começou a passar a mão na água, criando pequenas ondulações enquanto ele a admirava.

— Você é tão linda! Sinto como se eu já te conhecesse há muito tempo.

E já se conhecem há muito tempo! Lincy, tornou a rir. E se ela contasse a verdade? Talvez...

— Você ainda não percebeu?

— O que eu teria para perceber?

— São tantas as vezes que já sentamos aqui juntos, lado a lado...

— Do que está falando?

— Lembro bem de quando você abriu aquela porta pela primeira vez. Eu estava usando magia de ilusão, dando cor a minha energia. Fiz um jardim inteiro à minha volta e você não percebeu que tinha uma escada ali e acabou caindo.

— O quê? — A expressão que Miridar fizera era quase irreconhecível naquele momento. Apenas Alissya sabia disso e ter cogitado que Lincy fosse Alissya o sensibilizou profundamente.

— Sou eu Miridar... Alissya. No dia que parti era meu aniversário de dezessete anos e eu te aguardava ansiosa, aliás, eu sempre estava ansiosa para te ver. Eu te amava profundamente e, depois que não apareceu para conversar comigo resolvi ir

PERIGOSAS NACIONAIS

atrás de você. Eu estava preocupada que algo tivesse lhe acontecido, e quando sai ouvi sons, vindo do pátio, no jardim. Havia um festival, e lá te vi dançando com uma moça muito bonita. Assim que a música parou vocês se beijaram. Aquilo me doeu demais...

— Não, não pode ser verdade!

— Mas é a verdade. Na hora eu estava tão abalada que nem percebi que alguém estava lá. Foi quando me acertaram nas costas com uma adaga envenenada. Só o que consegui fazer foi repelir a adaga e aquela mulher, e depois matá-la.

— Então é verdade? Foi você mesmo que matou a mãe de Tany?

Ele ainda não estava acreditando na história. Se levantou e cambaleou atordoado em direção ao corpo de Alissya.

— Ela me atacou sem motivo, e eu estava ferida demais, não só fisicamente, como minha alma também. Foi instantâneo, ela nem sentiu nada, ao contrário de mim. Agonizei alguns minutos no chão paralisada, esperando por ajuda e sem poder me comunicar. Antes do meu último suspiro usei o feitiço de migração de alma.

— Alissya nunca usaria magia negra!

PERIGOSAS ACHERON

Miridar estava com a mão encostada por cima do rosto do corpo cristalizado de Alissya. Seu rosto estava repleto de lágrimas. Lincy não o respondeu dessa vez, apenas baixou o olhar e continuou fazendo ondulações na água.

— Se é verdade, por que você não voltou para nós antes? E por que não contou a verdade assim que chegou?

— Eu não estava neste mundo e sequer me lembrava dele. Minhas memórias estavam seladas até que o príncipe de Feron veio ao meu encontro e me fez lembrar de tudo.

— Inacreditável. Seu pai precisa saber disso!

— Não, ele não pode, Miridar! Você precisa me prometer que vai guardar esse segredo! — Lincy se levantou, posicionando-se ao lado de Miridar.

— Por que continuar escondendo isso? Não entendo! Por que ficar mentindo?

— Porque preciso fazer meu pai reconhecer que precisa mudar por si só, não por que a Alissya pediu. Este mundo há muito tempo deixou de ser o meu mundo Miridar, Alissya morreu e precisa ficar assim.

— Agora muita coisa faz sentido. — A voz de Miridar estava trêmula e agitada — O porquê você

me lembra da Alissya, o porquê faz coisas como ela fazia e diz coisas que só ela sabia. Ninguém além do rei e eu sabia que era aniversário de Alissya naquele dia, e nem a idade real dela...

— Você, meu pai, Kilas e Ragram.

Miridar não sabia se ria ou se chorava. Ao dizer apenas o seu nome e o do rei estava testando Lincy. Queria ter certeza absoluta.

— É você mesmo. — Miridar colocou suas duas mãos sobre o rosto de Lincy e aproximou o seu rosto do dela. Ambos estavam em lágrimas agora.

— O que quer dizer com “esse não é mais meu mundo”?

— Quer dizer que assim que eu conseguir salvar Nizla, voltarei para casa.

— Não, não quero que vá. Agora que voltou para mim, não quero te perder de novo.

— Miridar... Alissya já se foi. Por favor, me prometa que não vai contar para ninguém!

— Só se você me der um beijo.

— Miridar, eu não...

Ele a interrompeu roubando um beijo. Entre lágrimas, ela acabou retribuindo o beijo, que foi longo e doloroso. Isso estava ficando difícil demais para ela lidar, e seus sentimentos começavam a se

embaralhar. Um misto de confusão e culpa tomaram sua mente a deixando fraca e vulnerável.

Logo após o beijo ela se afastou alguns passos e ele tornou a puxá-la para junto de si, abraçando-a. O rosto de Lincy mirou seu antigo corpo.

— Fico indignada que meu pai tenha feito isso com meu corpo.

— Precisa entender que ele teve os motivos dele, Alissya.

— Esse não é mais meu nome.

— Não importa o que diga, você sempre será minha Alissya. Permita-me, pelo menos quando estivermos a sós, chamá-la assim...

— Acho que tudo bem.

— Alissya, me perdoe por ter te magoado. Não foi minha intenção. Jamais amei Tany e nunca mais tornei a me apaixonar por ninguém depois que você morreu.

— O que aconteceu com Tany depois daquilo?

— Ela foi presa e julgada juntamente com os demais membros da ordem oculta. Fiz parte dos investigadores que perseguiu essa ordem. Eu queria fazer justiça, por você. Sempre me culpei, e agora vejo que eu tinha razão. Eu realmente sinto muito!

— Eu já te perdoei, Miridar, então não se culpe

mais. Além disso, você não tinha como saber.

Miridar abraçou Lincy ainda mais forte e depois começou a acariciar seu rosto.

— Não vou permitir que nada te aconteça. — Ele a olhava nos olhos com intensidade. — De agora em diante me colocarei à sua disposição para o que precisar e te protegerei de tudo e todos. Guardarei o seu segredo e não direi nada que não permita que eu diga.

— Obrigada! — Agora ambos estavam sorrindo. Lincy precisava desabafar, esclarecer o passado. Ela também tinha pendências a resolver para poder seguir adiante. — Miridar, quero que me conte tudo o que sabe sobre a ordem oculta.

— Isso é relevante?

— Quero entender o motivo pelo qual meu pai ficou tão rígido e teimoso. Nas minhas lembranças ele não era assim.

— Entendo. — Miridar puxou Lincy até a poltrona que havia ali no canto e fez com que ela se sentasse em seu colo. — Revoltado com o que tinha acontecido, o rei mandou de imediato que prendessem todos os que eram mais próximos de Dinalya, incluindo a mim, por ter um envolvimento com Tany. Uma equipe de investigação muito forte

PERIGOSAS NACIONAIS

entrou em cena, incluindo os principais peritos locais e alguns de reinos aliados. Dentre eles estava Ikabe, um perito enviado pelo reino vizinho de Goran, que possui o dom de saber quando falam a verdade ou não.

— Você ficou preso por muito tempo?

— Até que não. Dei o meu depoimento e contei toda a verdade, incluindo que eu era amigo de Alissya e que ia vê-la sempre que podia. Também contei que eu jamais faria mal a ela porque a amava.

— Teve mesmo coragem de dizer isso?

— Tive sim. — Ele riu. — Acha que estou tão próximo ao rei agora por quê? Achei que Garyos poderia se revoltar e eu estava disposto a encarar as consequências. Ao invés disso, ele me liberou logo e me colocou na equipe de investigação. No fundo ele estava contente que Alissya tivesse tido um amigo.

— E Ragrim? Soube que ele também ajudou...

— Graças a ele é que os planos da ordem oculta foram rapidamente descobertos e seus membros eliminados. Lembra de quando me contou sobre ele, e que ele foi embora sem dizer nada quando você fez 15 anos?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não há como eu esquecer isso. Eu sofri muito e achei que estava completamente só, até você me encontrar semanas depois.

— Quando tive uma oportunidade de ficar a sós com Ragrim, conversei com ele a respeito disso para colocar essa história a limpo. Ele me contou que a ordem oculta já existia mesmo antes de você nascer, e já espiara reuniões deles algumas vezes. Por não ter nada a ver com a história preferiu não se intrometer, até te conhecer.

— Até me conhecer?

— Ele se afeiçoou tanto a você que não podia ficar parado, sabendo que você corria risco de vida. Naquele dia que ele foi embora sem dizer adeus, ele estava determinado a andar por todo o reino e colher pistas para expor, perante o rei, o golpe que pretendiam dar. Ele também se culpava pela sua morte. Disse-me que se não estivesse tão concentrado com o objetivo dele, poderia ter visto o que iria acontecer e te protegido.

— Ragrim... — Lincy estava muito comovida — eu não sabia!

— Todos nós sofremos muito com sua perda, Alissya. Nos relatórios que Ragrim apresentou diante do rei, havia o nome de todos os membros,

PERIGOSAS ACHERON

que em sua maioria eram parentes do rei. Vinte e quatro pessoas, que tinham por objetivo destitui-lo para que Rogles, primo de primeiro grau do rei, assumisse o trono. Não aceitavam o reinado do rei, pois o achavam muito fraco, em todos os sentidos. Consideravam-no um covarde, capaz de se esconder de seus deveres frente a qualquer dificuldade que aparecesse. Além disso, afirmavam que a aura mágica dele era muito fraca para alguém da realeza, e o dom que recebera fazia jus a quem ele era.

— Em vez de julgar meu pai tinham que lhe dar apoio, e aliar forças com ele para trazer melhorias ao reino. Além disso, o dom do meu pai é bom. São muitos poucos os que recebem o mesmo dom que ele, de pacificação.

Garyos possuía o dom de acalmar as pessoas, independentemente da situação. Infelizmente, deixou de usar seu dom por vergonha dele.

— Pena que a ordem oculta não via isso. Garyos era um bom homem antes disso, e se empenhava em ajudar seu povo, principalmente os mais fracos. Você tinha que ver, disseram coisas horríveis para ele antes de serem jogados na fonte do julgamento.

— Agora eu entendo o motivo de meu pai ter

ficado assim, como ficou.

— Ele parou de ouvir a todos, depois. Nem mesmo a rainha consegue falar-lhe ao coração para tirar as ideias absurdas que ele anda tendo.

— Miridar. Obrigado por me contar tudo isso, mas preciso ir agora.

— Não vá ainda, por favor!

— Não posso ficar muito tempo, pois se o rei acordar novamente e não me ver lá, terei sérios problemas.

— Vamos continuar nos encontrando?

Lincy apenas sorriu e voltou ao quarto. Miridar interpretou aquilo como um sim, e estava certo. Nos próximos dias ela tornou a voltar e ficou conversando com ele sobre todos os detalhes do que aconteceu após a partida dela. Em meio a essas visitas ela colocava alguns selos mágicos em torno de seu antigo corpo. Tinha um plano, que poderia precisar colocar em ação algum dia.

Capítulo XIV

DESAFIO

Já fazia mais de três meses desde que Lincy chegou em Nizla. Sempre que via uma oportunidade, buscava ser gentil com o rei e lhe motivava a abrir o coração para as pessoas que tanto se importavam com ele.

Por mais carinhosa e gentil que Lincy tentava ser, era sempre menosprezada e as palavras de incentivo dela, ridicularizadas. Com os dias, Lincy foi percebendo que o rei criara a imagem fixa de que tudo o que ela fazia por ele era simples bajulação para que ele a aceitasse como filha.

Cansada da atitude do rei de endurecer o coração para o amor que ela tinha para dar, Lincy resolveu usar outra estratégia. Ela sabia que com o tempo e perseverança, ela conseguiria amansá-lo, porém, quanto tempo mais isso levaria? Ela não queria perder mais tempo!

— Percebi que um homem anda olhando muito

PERIGOSAS ACHERON

para você. Está bem evidente que você o interessa.
— Lincy e a rainha estavam ajudando a colher frutas para a próxima refeição. Com isso, Perla estava estimulando Lincy a usar magia, moldando a energia mágica, elevando-a para desprender os frutos no alto e trazê-los para perto.

— Que homem? Se é que posso saber...

— Aquele que veio te buscar quando o rei desejou falar com você. O nome dele é Miridar.

Lincy novamente fingiu não saber de nada e continuou colhendo as frutas normalmente. A rainha não voltou a mencionar o nome de Miridar, aliás, não teve tempo, pois naquele momento, Garyos foi pessoalmente ao encontro delas.

— Vejo que tem bom domínio de energia, mas continua sendo muito fraca.

— Garyos! Seja mais sutil, por favor. — Perla o repreendeu.

— Essa garota não merece sutilezas. É apenas uma intrusa no nosso quarto e na nossa vida. Não vejo nenhuma utilidade para ela aqui.

— Perdão, majestade, mas eu falei que poderia me designar a qualquer função. Sou perfeitamente apta. — Lincy se intrometeu na conversa antes que Perla se colocasse para defendê-la de novo.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Apta? Com essa magia fraca?

— Isso me parece um desafio. Quero duelar contra qualquer um de seus homens para provar o meu valor.

— Perfeito. — O rei falou com sarcasmo. — Mas até que pode ser uma boa ideia. Esteja, daqui a 1h, no campo de treinamento na vila.

— Reconsiderem isso. É loucura! — Perla ficou muito espantada e virou-se para Lincy com os olhos repletos de preocupação. — Não faça isso, minha filha. Você não pode enfrentar alguém de nível alto. Vai se machucar muito e eu não sei o que eu vou fazer se algo te acontecer...

— Agora não tem mais volta! Ela pediu por isso, agora tem que arcar as consequências.

— Estou mais do que pronta. — respondeu Lincy convicta.

Garyos fungou e então deu as costas, retornando ao palácio. Perla censurou a atitude de Lincy, quase em lágrimas e, depois, a acompanhou até o campo de treinamento, onde aguardaram sentadas.

Havia algumas pessoas treinando naquele lugar, e enquanto as duas assistiam, Perla dava dicas sobre cada um dos guerreiros preferidos do rei. Pouco depois o treino cessou, assim que Garyos

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

chegou acompanhado com um grande grupo de guerreiros magos e servos do palácio.

Claramente, ele queria humilhar Lincy. Entre eles, Miridar lançou para Lincy um olhar angustiado. Queria muito correr e abraçar Lincy e, se pudesse, lutaria em seu lugar. Foi necessário muito esforço para ele se conter.

— Muito bem. Vejo que continua firme em querer se machucar.

“Vou fazer você engolir cada uma de suas palavras” — Embora ela quisesse muito dizer isso, não disse. — Gostaria de uma oportunidade para provar o meu valor, e agradeço a chance que me deste.

Curvou-se para o rei em respeito e, como já conhecia bem as normas para duelo, posicionou-se no campo, esperando pela próxima palavra e o posicionamento de seu oponente.

— Kilas, vá!

Além de ser irmão caçula do rei, era também considerado o guerreiro mais forte de Nizla. Não só possuía um alto nível de magia, como também o dom da coragem. Ele jamais tinha medo e, graças a isso, seu nível de domínio de magia e concentração em campo de batalha eram bastante elevados.

PERIGOSAS ACHERON

— Por que escolher o mais forte? Isso não é justo! — Perla estava deveras aflita.

Lincy também não teve medo. Conhecia cada um dos feitiços que existiam e também conhecia Kilas muito bem. Assim que Kilas estava em posição, a cerca de 10 metros de distância de Lincy, o rei ergueu a mão direita e disparou um *luminus* no meio do campo.

Lincy ficou parada, atenta a qualquer movimento. Kilas ergueu as mãos e invocou um feitiço. Ela não conseguia usar feitiços complexos, tais como os elementares, então precisava agir com cautela. Só observando, ela conseguiu identificar o feitiço antes mesmo de ser lançado. Se tratava do poderoso raio luminoso.

Não adiantava ela tentar fugir, pois o raio seguia o alvo, mirando nos pontos de energia e não era qualquer escudo que bloqueava, nem mesmo um negro. Ela não podia se desviar, mas o raio...

— Cuidado, minha filha! — gritou Perla aflita.

Lincy não saiu do lugar. Ia tentar um tipo de escudo novo, baseado nos conhecimentos aprendidos na Terra. Apenas sorriu e concentrou-se em expandir sua energia, dando propriedades reflexivas. Assim que o raio incidiu sobre a

superfície, foi desviado e atingiu o solo, fazendo um buraco.

Todos observaram a cena com espanto, pois era a primeira vez que alguém saia inteiro de um ataque desses. Sem um segundo a perder, Lincy liberou quantias de energia camuflada, criando um nevoeiro e depois, réplicas de si. Para ela já estava mais do que claro que seu tio não queria só nocauteá-la, e sim, matá-la.

Kilas começou a fazer disparos de energia e convertê-las em bolas de fogo, ao que ia acertando uma a uma em cada uma das ilusões que Lincy criara de si, até por fim, acertar a que parecia ser a original.

Lincy foi arremessada alguns metros para trás, caindo quase inconsciente no chão e desfazendo todo o cenário que criara para se esconder. Naquele momento, Kilas já se preparava para proferir o último golpe mortal.

— Não faça isso, Kilas! — A rainha tentou correr para ajudar Lincy, mas foi imediatamente reprimida pela guarda real.

Miridar caiu de joelhos, sem saber o que dizer. Queria gritar a todos que aquela garota era Alissya, e que o rei não deveria fazer isso com a própria

filha. Ele queria salvá-la, mas quem acreditaria nele? O que ele poderia fazer contra a guarda real e o próprio rei ali? Ele seria morto também! A ele só restou confiar, visto que o destino de Lincy fora traçado por ela mesmo, ao ter desafiado o rei.

Alguns segundos antes de terminar a pronúncia do feitiço, Kilas cessou o feitiço e começou a tremer. Ninguém entendeu naquele momento, mas ele havia recebido uma mensagem telepática: “Killian, você falhou comigo novamente”.

Essa simples frase remetera Kilas a uma lembrança do passado. Alissya era a única que o chamava de Killian, por pura implicância. Seu tio não gostava que ela pronunciasse seu nome errado, e sempre corrigia a pequena Alissya.

— Não é Killian, menina, é Kilas!

— Eu sei, tio, mas você tinha prometido que ia me ensinar a magia de ilusão hoje!

— Hoje não posso, pequena Alissya. Seu pai me deu outras tarefas, e ficarei sem tempo.

— Isso não é justo! Você sempre diz que não tem tempo! Afinal, magia de ilusão não é simples de fazer?

— É sim. — se aproximou da menina e a colocou no colo — Qual a primeira ilusão que você

quer criar?

— Eu. — replicou a criança esperançosa.

— Uma ilusão de você? Já não basta uma Alissya?

— Vai ser divertido, tio!

— Se eu tiver tempo amanhã, te dou algumas dicas.

No dia seguinte, Alissya o puxou pelo braço empolgada, quando ele veio trazer-lhe a refeição.

— Me dá a aula de ilusão, tio!

— Hoje não vai dar, pequena. Sinto muito.

Ela ficou insistindo inutilmente. Ele já havia recebido ordens do rei para parar de ensinar magia à ela. Mesmo com um aperto no coração, ele precisava obedecer, e com muito pesar se retirou dali, negando novamente o pedido de sua sobrinha. Ele tentara, no dia anterior, conversar com seu irmão, para que ele concedesse a permissão de fazê-lo, mas não conseguiu.

— Killian! — Alissya estava chorando de raiva.

— Você falhou comigo novamente! Nunca mais vou te pedir mais nada!

Kilas olhou para Lincy, caída no campo e sua mente se encheu de imagens de sua sobrinha. Ela fez exatamente a magia de ilusão que ele se negara

a ensinar-lhe e ainda o chamou de Killian? Lincy estava no chão, imóvel, quase sem vida e, no momento em que o coração dela parou de bater Kilas reagiu e correu para o lado dela.

Embora não tivesse medo de nada, ele não era insensível. Poderia ter matado a própria sobrinha? A mente dele estava confusa e ninguém jamais o tinha visto daquela forma. Assim que chegou, deixou-se cair de joelhos e tocou no ombro dela. Queria ver se ainda estava respirando.

— Kilas? — gritou o rei sem compreender o que estava acontecendo. Ele estava imóvel, sem se mover. — Irmão?

Nesse momento, o corpo de Lincy, que Kilas tocara, se desfez. Era só mais uma ilusão, e do buraco que o raio de Kilas criara, levantou-se a verdadeira Lincy. Ela se camuflara lá dentro no momento em que distraía a todos com suas ilusões. Caminhando em direção a Kilas, posicionou-se na frente dele, de forma ofensiva.

— Ele não poderá se mover, majestade. Coloquei um selo de paralisia na minha ilusão. Ele não poderá se mover por um bom tempo, a não ser que alguém remova o selo. — Era o mesmo selo que usaram em Alissya, na noite de sua morte. —

Posso matá-lo agora.

— Não faça isso! — implorou o rei.

— Regras são regras, majestade, e elas dizem que se o oponente do desafiante tiver a intenção de matar, o desafiante terá o direito a matar também.

O rei amava muito o seu irmão. Era a pessoa que ele mais confiava, mais até que a rainha. No entanto, não poderia se opor às leis, ainda mais na frente de um público tão grande quanto o que ele juntou. A derrota foi vergonhosa demais para ele, afinal, como imaginaria que alguém tão fraco vencesse o guerreiro mais forte de seu reino?

Gritos ecoaram naquele lugar depois de uma reviravolta tão inesperada. Em meio a torcida, Lincy caminhou em direção ao rei e se curvou em respeito.

— No entanto, vossa alteza, não tenho intenção de matá-lo. Novamente destaco que estou aqui para servi-los. Tudo o que eu queria era provar meu valor.

— Muito bem, minha jovem. Você tem o meu respeito!

Perla correu para abraçar Lincy. Estava muito aliviada com o desfecho da batalha.

— Minha filha, você é incrível! Como fez

aquilo?

Vários magos começaram a cercá-la. Estavam admirados e queriam entender como ela conseguira desestabilizar seu chefe daquele jeito. Ela não podia responder isso a eles, e, entre tantos toques despercebidos, um lhe chamou a atenção. Miridar segurou sua mão e a puxou entre a multidão, ajudando-a sair dali.

A rainha resolveu ajudar Miridar, pedindo que ninguém os seguisse. Os dois entraram na floresta que havia ali do lado e correram, até terem certeza que ninguém os seguira. Dali, sentaram no chão, um ao lado do outro e Lincy deu um imenso suspiro.

— Foi difícil, não é mesmo? Tive tanto medo por você!

— Isso era necessário, Miridar. Sinto muito por ter te preocupado.

— Eu quase interfeiri na luta, Alissya. Eu disse que não queria te perder novamente!

— E o que te impediu?

— Foi muito rápido e, — colocou a mão dele sobre a dela — eu sabia que você não deixaria seu tio derrotá-la assim tão fácil. Eu tinha fé em você.

— Primeiramente tive que acreditar que meu pai

PERIGOSAS NACIONAIS

escolheria Kilas. Se a estratégia que montei falhasse, eu estaria morta. Além disso, a luta precisou ser rápida porque o resquício de magia de Alissya que havia em mim está quase se esgotando. As coisas não estavam indo bem e eu precisava dar um passo maior agora.

— Usou magia de comunicação telepática com o seu tio para que ele lembrasse de Alissya e a visse em você, não é mesmo?

— Esperto de sua parte. Estava tão evidente?

— Apenas para mim, porque sei quem você é. Ainda estou preocupado.

Lincy suspirou novamente e deixou-se deitar para trás enquanto observava o céu por entre as folhas das árvores. Sempre tão claro...

— Se bem conheço meu tio, ele certamente vai contar ao meu pai o que aconteceu. Nenhum dos dois vai deixar essa história passar em branco. Agora é tudo ou nada, e estou ciente disso. Esteja preparado, Miridar, pois as próximas horas serão decisivas.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XV

PERITOS

Lincy não havia desafiado o rei meramente por desafiar. Havia desperdiçado muita energia anteriormente, fingindo ser uma Halisiana e, com isso, o restante de magia que ainda tinha estava se esgotando. Ainda havia uma coisa que ela queria fazer, por isso começou a tomar medidas desesperadas.

Um medo muito grande foi tomando conta dela, uma vez que, sem seus dons mágicos, não havia garantias de sobrevivência. Agora só lhe restara contar com Miridar, Ragrim, e a gentileza de Perla.

O restante do dia foi extremamente calmo... nada do que Lincy esperava. O rei a tratou gentilmente em todos os momentos, não só no restante daquele dia como também nos próximos três dias que se seguiram, fazendo com que ela ficasse cada vez mais desconfiada. O que o rei estava tramando?

Isso é algo que ela estava prestes a descobrir logo na primeira refeição daquele dia. Havia alguns magos junto ao rei que Lincy nunca havia visto, nem mesmo como Alissya.

— Parece que conseguiu ganhar a simpatia de meu marido.

— Por que diz isso? — Perla parecia bem satisfeita com a situação, ao contrário de Lincy que só via aquilo como um mal sinal.

— Aqueles homens com meu marido são os peritos que acompanharam o caso de Alissya. Ele quer que você use seu dom e veja o último desejo de Alissya para completar o relatório da época e encerrar o caso. Garyos me disse que finalmente está disposto a seguir em frente. Isso não é maravilhoso?

Lincy se calou. Seria assim tão fácil? Parecia bom demais para ser verdade. Ser ouvida pelo rei e ter a oportunidade de chegar ao coração do pai. Em meio aqueles devaneios, uma voz soou na cabeça de Lincy.

— Alissya, preciso falar com você a sós assim que puder. Me encontre na pequena clareira que fica no sul do jardim real.

Miridar havia soltado um fio de energia trazendo

a mensagem em direção a Lincy. Assim que esse fio de energia teve contato com a aura de Lincy, ela pode ouvi-la. Isso era a magia de comunicação telepática. Lincy procurou por Miridar e acenou para ele como quem diz “recebido”.

— Fico feliz em saber que o rei já me vê sem hostilidade. Se me permite, Perla, gostaria de fazer uma caminhada a sós para aproveitar essa linda manhã.

— Posso ir com você, minha filha. Vai ser bom para mim caminhar um pouco.

— Se me permite, gostaria de ir sozinha.

— Acho que tem alguma coisa por trás dessa caminhada. — A voz soou descontraída, mas com um toque de desconfiança.

— Você tem toda a razão, mãe. Para dizer a verdade, estou gostando de Miridar e eu queria muito poder ir vê-lo. — A rainha ficou desconcertada. Era a primeira vez que Lincy a chamara de mãe, fazendo-a se emocionar. Um sorriso abriu-se em seu rosto e seus olhos começaram a brilhar. Obviamente isso fazia parte da estratégia para convencê-la... dizer-lhe o que ela queria ouvir e o que achava que era.

— Minha filha...

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por favor! Tem como me dar cobertura, só um pouco?

— Claro, minha filha! Miridar é um bom homem. Vá!

— Obrigada!

Lincy buscou sair dali de forma sutil, alcançando em poucos minutos a clareira que Miridar mencionara.

— Aqui! — Chamou uma voz por trás de uma árvore.

— Não precisa se esconder, estamos a sós. — falou despreocupadamente enquanto ia em direção à voz. Enquanto contornava a árvore, Miridar resolveu aparecer esticando a mão. Lincy pegou na mão dele e acabou sendo puxada bruscamente para perto dele.

— Miridar... por que isso tudo?

— Não temos muito tempo, em breve o rei vai te chamar, mas eu precisava te ver antes e te alertar. Os principais peritos do caso de Alissya estão aqui, incluindo Ikabe de Goran.

— Aquele que tem o dom de identificar se a pessoa está falando ou não a verdade?

— Sim, por isso pense bem no que vai falar. Por sorte o reino de Tabiã se recusou a mandar o perito

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Ronan, que é um mago capaz de identificar qual o dom de cada pessoa só de olhá-la. Isso acabaria destruindo seus planos antes mesmo de ter uma oportunidade de se pronunciar.

— Realmente, foi muita sorte mesmo. — Lincy estava pensativa... muito pensativa. Como dizer a verdade sem se revelar? — Há algum dom mais que eu deva conhecer? Os outros peritos representam algum perigo?

— Não! Funon consegue enxergar as últimas três horas do movimento da pessoa, exceto sons. Aliazar consegue sentir o que a pessoa na sua frente sente, enquanto Worlin e Warlin são gêmeos com dons que se complementam, podendo sentir tudo que o outro irmão sente. Um irmão costuma ir em campo investigando e outro no castelo escreve, simultaneamente, tudo o que é descoberto. Esses são os líderes da perícia de Feron.

— Quero que me prometa uma coisa, Miridar.

— O que você quiser. — Ele se aproximou, tocando a testa dele na de Lincy, enquanto acariciava os braços dela.

— Me prometa que, haja o que houver, não contará a verdade sobre minha identidade. Prometa-me que não dirá a ninguém que sou Alissya!

PERIGOSAS ACHERON

— Por que isso?

Nesse instante Lincy ouviu uma voz feminina chamando por ela. Era Perla, que havia ido atrás dela. Parecia inquieta, e começou a chamar também por Miridar.

— Precisamos ir. — soou Miridar aflito antes de obter a resposta.

— Não se esqueça dessa promessa.

Miridar não disse nada. Apenas segurou a mão dela e caminharam juntos em direção a Perla. A rainha estava de costas e, assim que ouviu som de passos, virou-se para eles. Um sorriso enorme brotou em seu rosto ao ver Miridar e Lincy de mãos dadas.

— Desculpe interromper o encontro de vocês, mas meu marido está impaciente, solicitando de imediato a presença dos dois.

— Tudo bem, majestade, nós entendemos. — disse Miridar com toda a formalidade e respeito. — Vou na frente me encontrar com o rei. Com licença!

Lincy lançou um olhar convicto para Miridar, que foi bem compreendido. Em seguida, caminhou lentamente ao lado de Perla, em direção à biblioteca. Na porta da passagem, a espera delas

estava o rei, Kilas, Miridar e os cinco peritos que ele mencionou anteriormente. Além deles, uma jovem com uma pequena pilha de papéis na mão.

— Vamos logo com isso! — ordenou o rei.

Kilas deu um sorriso estranho para Lincy antes de virar para entrar na câmara secreta. Lincy foi a última a entrar, atrás da rainha. Ela ainda não sabia bem o que iria falar e quais perguntas lhe seriam feitas.

— Se aproxime, Lincy de Feron. — ordenou novamente o rei, já em frente ao corpo de Alissya. Lincy olhou seu antigo corpo com um aperto no coração e depois para o rei.

— Já esteve aqui? — Aliazar cruzou os braços. Todos olharam para ele sem entender a pergunta e depois para Lincy.

— Já a trouxe aqui uma vez — intercedeu Perla — e lhe contei o que aconteceu.

— Me desculpe interromper — replicou Aliazar — mas este lugar mexe com os sentimentos dessa jovem demais para alguém que só veio uma vez.

A dor no coração de Lincy foi sendo substituída por um misto de sentimentos, medo, raiva e ao mesmo tempo, coragem.

— A história de Alissya mexe muito com meus

sentimentos. As últimas memórias dela são muito dolorosas, então, não consigo evitar ficar assim.

Dessa vez os olhares se dirigiram a Ikabe.

— Ela diz a verdade!

A jovem que estava com os peritos colocou a pilha de papéis no chão e pegou uma única folha. Sem caneta ou qualquer objeto para escrita, palavras começaram a aparecer na página. Um relatório estava sendo feito apenas com o uso de seu dom mágico.

— Me diga, Lincy... qual foi o último desejo de minha filha Alissya?

— Antes de morrer, Alissya desejou viver tudo o que não podia ter vivido, ter tido uma família que a amasse, ter constituído família um dia — deu uma pausa e seus olhos miraram Miridar — ela só queria ter tido a chance de ser feliz.

A atenção de todos sempre se voltava para Ikabe, a cada pausa. Ele apenas acenou confirmando a veracidade do que havia sido dito. Os olhos do rei se encheram de lágrimas com essa revelação e Perla se compadeceu de seu marido, indo para o seu lado abraçar-lhe.

— É tudo culpa minha, jamais vou me perdoar pelo que fiz minha pequena passar.

O rei se deixou jogar sobre o corpo cristalizado de Alissya, ignorando Perla completamente. Isso doeu muito no coração de Lincy... ver seu pai preso assim no passado.

— Não toque em mim, Perla.

— Já chega! — gritou Lincy finalmente, deixando seus sentimentos extravasarem. — Você desonra ainda mais a memória de Alissya ao manter o corpo dela assim. Em vez de ficar preso a uma pessoa que já morreu, deveria dar mais atenção para os que ainda estão vivos, como sua esposa.

— Mais cuidado com o que fala! — levantou-se o rei com fúria.

— Não! Agora é você quem vai me escutar. Por muito tempo tive de aguentar em silêncio. Você nunca esteve lá para ela, e nunca deu a devida atenção à Alissya e, agora ela está morta — Lincy começou a chorar — novamente está cometendo o mesmo erro com sua família e seu povo, por ficar preso ao passado. Não há como voltar, você precisa seguir em frente e ser forte, por todos e pela Alissya.

Todos na sala estavam perplexos. Ninguém tinha tido a coragem de falar com o rei assim antes

e tamanha ousadia com certeza acabaria em alguma punição. Mas Lincy precisava falar...

— Você não é ninguém para falar o que devo ou não fazer, e não é digna de falar o nome de minha filha.

— Já chega, Garyos. Ela tem razão. — Perla finalmente seguiu seu coração e se impôs.

— Sei que eu não deveria me meter nos assuntos de seu reino, mas não vi mentira em nenhuma das palavras de Lincy, e olha que tenho o dom. — ponderou Ikabe.

— Os sentimentos dela estão mais organizados que o de vossa majestade, se me permite interromper. — Aliazar resolveu interferir também.

Essa era a oportunidade perfeita e todos estavam tentando amansar o rei de alguma forma. Há muito tempo esperavam por isso.

— Lincy de Feron está contra mim, tentando usurpar meu trono. Como vocês não enxergam?

— Não tenho interesse algum no seu trono, majestade. — Lincy se curvou em respeito. — Tudo o que desejo é que fique em paz e governe seu reino com sabedoria. Não desvie os olhos de quem te ama.

— Saiam todos daqui! Quero ficar sozinho!

— Não! — Perla se jogou aos pés do rei, suplicando. — Eu te amo tanto, volte para nós!

O rei estava paralisado, cego pela dor e começou a abraçar o corpo de Alissya ainda mais forte. Lincy finalmente teria que colocar seu plano em ação, usando o restante de sua magia. Era uma atitude muito radical e as consequências poderiam ser extremas.

Se aproximando como se fosse abraçar Perla, desviou a mão para o corpo cristalizado de Alissya e uma luz forte começou a irradiar de lá. Os que identificaram a intenção de Lincy ficaram paralisados.

— Não pode ser. — disse Kilas.

Nesse instante, desesperado, o rei se jogou contra Lincy para tentar evitar o que iria acontecer, mas era tarde demais. Todos os que estavam próximos ao corpo, com exceção à conjuradora, foram repelidos e os selos que Lincy implantara secretamente ao longo do tempo começaram a ganhar forma visível e circundar o corpo de Alissya, que acabou engolido pelo chão.

Em seguida, os selos começaram a brilhar sobre o solo, formando um padrão bem específico. Lincy colocou a mão direita sobre esse padrão que criara

PERIGOSAS NACIONAIS

e utilizou o restante da energia que tinha para trancá-lo. Finalmente seu antigo corpo pode ser sepultado dignamente.

— Por que fez isso? Traidora! — gritou o rei em fúria.

— Agora ela está em paz, vossa majestade. Ela queria isso.

— Como pode ter tanta certeza disso? — perguntou Ikabe perplexo. Ele via que ela falava a verdade, mas não entendia como ela poderia saber...

— Traga o corpo dela de volta agora!

— Eu não posso, mesmo que eu quisesse.

— Existe muita sabedoria em você para saber usar um selo de tal complexidade — interveio Kilas. — Tenho certeza que você sabe exatamente como desfazer isso.

— Sim, é verdade. Mas saber é diferente de poder, e eu realmente não conseguiria desfazer, mesmo que eu quisesse.

Kilas observou Ikabe que, novamente confirmou a veracidade nas palavras de Lincy.

— E por que não pode? — Novamente o rei se envolvera na conversa. Nada parecia aplacar a fúria dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Isso é algo que não quero responder.

— Você é muito petulante, garota de Feron. — O rei esticou a mão para a invocação de um feitiço de ataque. — Por causa disso pagará com sua vida e, certamente seu reino também pagará por sua ousadia.

Nesse instante, Miridar saltou na frente de Lincy, colocando-se em sua defesa. Perla, a exemplo de Miridar, fez o mesmo seguido de Aliazar e os gêmeos. Ikabe se manteve neutro por questões diplomáticas.

— O que é isso? Uma revolta? Estão todos contra mim!

— Não estamos contra você! Estamos do seu lado, Garyos. Só lhe peço que não cometa uma injustiça levado por seus sentimentos.

O rei não poderia se voltar contra sua própria esposa, que estava ao lado de Miridar. Apesar de tudo, bem no fundo, ele ainda a amava. Além disso, Miridar e os peritos estiveram ao lado dele num dos momentos mais difíceis de sua vida. Ele devia a eles o benefício da dúvida.

— Muito bem! Para que não seja feita nenhuma injustiça, Lincy de Feron irá a julgamento. Isso é uma ordem e que morra com ela quem me

PERIGOSAS NACIONAIS

desobedecer.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XVI

JULGAMENTO

Lincy parecia muito passiva ao aceitar ser amarrada e levada junto com a guarda real, os peritos e testemunhas numa jornada até a fonte do julgamento. Sem magia, ela simplesmente estava a mercê.

Miridar e a rainha eram os mais aflitos. Não saíram do lado dela por nenhum instante durante a jornada, e volta e meia, choravam. Lincy sabia que não havia chances de sair viva de lá. Ela era Alissya, e sua alma não só já tinha passado pela fonte uma vez, como também quebrara uma outra regra muito valiosa... a de não usar magia negra.

Em secreto, cogitava planos para fugir, bem como Miridar de resgatá-la. Após subirem o monte Claridade, já na entrada do lugar sagrado, o rei se apresentou aos treze guardiões solicitando um julgamento na fonte.

Para se obter acesso livre à fonte, bastava uma

PERIGOSAS ACHERON

palavra direta de um rei, ou sua permissão indireta, em forma de carta. A presença de Garyos fez com que todos os guardiões se movessem, endireitando-se em duas fileiras, abrindo passagem. Lincy estava cercada e sabia que, passando dali, já não havia mais volta.

— Vamos em frente! — ordenou o rei.

— Precisa dizer a verdade. — Miridar mandou a mensagem telepática para Lincy. Ele estava desesperado.

— Lembre-se do que me prometeu e, por favor, não interfira. — Lincy respondeu com a voz serena para Miridar. Ela queria acalmá-lo, embora não conseguisse fazer o mesmo consigo.

Era a primeira vez que Alissya pisava ali. Ela não pôde deixar de reparar em toda a estrutura do lugar, com o chão de pedra polida, imensas árvores cercando a região com folhas tão densas que impediam a passagem da luz. No entanto, os guardiões se revezavam entre si para manter uma energia circulando em frestas no chão com o símbolo de Halis e nas treze colunas que circundavam a fonte com o brasão dos treze reinos, iluminando o lugar de azul.

Uma imensa surpresa tomou conta de todos ao

ver de pé, próximo a coluna de Feron, Ragrim, Jeradar, o príncipe Lunester, os pais de Lunester e outros quatro membros da família real.

— Olha quem está aqui. Não lembro de tê-los chamado para o julgamento. — Garyos usou um tom rude. Poderia usar os termos e tons mais ofensivos sem que ninguém ficasse com raiva dele, caso usasse o dom de pacificação em seguida. Este não foi o caso. — Traidores.

— Lincy está sob a responsabilidade de Feron, portanto, o julgamento não cabe a você. — O pai de Lunester foi quem se pronunciou primeiro.

Lunester não parou de olhar Lincy um segundo. Estava angustiado, pois se sentia culpado por tê-la trazido ao mundo de Halis. Ele não permitiria que Garyos fizesse nada a ela, e muito menos Ragrim, que foi o próximo a se pronunciar.

— Eu não iria cometer o mesmo erro duas vezes. — Ele se dirigiu à Lincy com a voz carregada de ternura.

— Ragrim os alertou sobre o que aconteceria, não é mesmo? — Kilas que se manifestou. — No momento em que nos mandou Lincy, ela se tornou propriedade de Nizla, cabendo o julgamento a nós.

— Se interferirem no julgamento, estarão

declarando guerra. — O rei estava agitado. — Lincy foi desobediente e se colocou contra mim.

— Tenho certeza de que ela jamais se colocaria contra você. — Lunester se simpatizara por Lincy desde que a viu pela primeira vez, bem como Perla que, ao lado de Lincy, acenou concordando.

— Se aproxime da fonte. — ordenou o rei à Lincy, que permanecia calada. Por que seu pai era tão teimoso? — E que ninguém interfira.

Toda a guarda real de Nizla se posicionou em volta para evitar inferências e Lincy obedeceu. O que mais poderia fazer? Nenhum argumento estava funcionando e ela não diria a verdade, sobre hipótese alguma.

Contar que é Alissya seria condená-la a viver em Halis para sempre, pois seu pai jamais a permitiria ir embora. No fundo, Lincy preferia morrer do que viver num mundo que lhe causou tanta dor. Ela já sabia o que era ser feliz, e tinha uma vida na Terra que amava e, se não fosse para voltar a ter sua vida de volta, então que morresse de verdade dessa vez. Caminhou sozinha até ficar à beira da fonte e então parou para olhar a todos uma última vez.

Em seu íntimo, viu que seus amigos e aliados que conheciam a verdade tentariam impedir isso e

que já estavam prestes a começar uma batalha para salvá-la, a começar por Ragrim, então se viu na necessidade de abrir a boca e expor sua última vontade.

— Antes de tudo, peço a palavra. — olhou primeiro para Ragrim. — Meu amigo, não use esse feitiço. Vai ferir muita gente que não tem nada a ver com isso.

— Perceptiva como sempre, princesa. Eu não pretendia concluí-lo, não se preocupe!

Todos os que ainda não sabiam a verdade ficaram perplexos ao ouvir “princesa”, com exceção de Ikabe, que já tinha suas desconfianças. Ninguém se moveu ou tentou interferir. Simplesmente deixaram que ela falasse tudo o que tinha direito.

— Não quero que se culpe pelo que aconteceu. Eu já te perdoei e isso agora é decisão minha. Esse não é mais meu mundo. — Virando-se para a família real de Feron, respirou fundo e fechou os olhos por alguns segundos antes de voltar a falar. — Caros amigos do reino de Feron! Sei que assumiram uma responsabilidade comigo ao me chamarem, porém, todas as escolhas que fiz desde que me mandaram de volta para Nizla são de minha

total responsabilidade, portanto, devo arcar com as consequências sozinha. Não quero que se sintam obrigados a me defenderem e colocar a paz de seu reino em risco por mim.

— E como não nos responsabilizar? — gritou Lunester em choro.

— Isso não é um pedido, — Lincy estava séria — é uma ordem! Embora eu não tenha mais minha magia, conseguirei ler qualquer feitiço segundos antes de vocês usarem, então não tentem nada.

Perla se deixou cair de joelhos. O que era toda aquela conversa enigmática? Kilas começou a tremer quando começou a perceber os fatos, que o rei, em sua teimosia, ainda não conseguia enxergar.

— Quer dizer que fomos enganados por Feron? Você é o que afinal? Alguma fugitiva de Nizla?

Lincy ignorou seu pai e se virou para Miridar, sorrindo para ele. Depois para Perla, que estava de joelhos ao lado do rei, segurando a perna de Garyos como quem implorava para que isso parasse.

— Obrigada pelo carinho que recebi de você, mãe. E obrigada também a você, Miridar, por essa bela história de amizade que temos.

Percebendo o quanto Kilas estava atormentado, resolveu dirigir-se a ele também.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Você sempre foi um péssimo tio e não te culpo. Sempre seguiu as ordens do papai. Ele sempre foi um cabeça dura, mas, por favor, não desistam dele. Adeus a todos! —E deixou seu corpo pender para trás em queda brusca, em direção às águas que a julgariam e a condenariam. Fechando os olhos, sorriu como quem se despedia em paz.

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XVII

SENTENÇA

Naquele mesmo instante uma cena de múltiplas emoções preencheu o ambiente. Lunester, Miridar e mesmo Kilas começaram a pronunciar feitiços para tentar salvar Lincy que se deixou cair para trás, porém, nenhum deles obteve sucesso e as energias chocaram-se entre si, produzindo um clarão. Lincy foi sugada para o fundo da fonte do julgamento, sumindo da vista de todos. Isso era um mau sinal!

— Alissya! — gritou Miridar desesperado, correndo em direção à fonte. Seus olhos percorriam pelas águas desesperadamente, buscando sinais da mulher que amou e nunca pôde esquecer. O rei entrou em choque e Perla, soltando a perna do rei, elevou as mãos no coração fechando os olhos, como numa oração. Seus cabelos cobriram seu semblante, mas suas mãos trêmulas e os soluços insistentes declaravam uma dor que não cabia no

PERIGOSAS ACHERON

peito.

Lunester e todos de Feron se deixaram cair de joelhos próximos às águas e começaram a gritar, mostrando sofrimento, na esperança de que a fonte tivesse misericórdia. A culpa recaía sobre eles pela morte eminente de uma inocente, mesmo que de fato não fosse assim, era isso que tinham no coração.

—Alissya... me perdoe! — suplicou Lunester. As suspeitas finalmente se confirmaram para a surpresa e espanto de todos os que, até então, não haviam entendido ou aceitado os fatos.

— Por que ela fez isso? Por quê? — Miridar estava inconformado.

— Há quanto tempo? — O rei começou a voltar a si. — Há quanto tempo sabiam disso? — O rei se voltou contra todos em fúria, até mesmo contra Perla achando que ela já sabia dos fatos.

Antes que o rei ousasse a sacudir Perla, Miridar se dirigiu até ele surpreendendo-o com um forte soco no rosto, fazendo-o cair para trás, assustado.

—Como ousa? —Olhando para os lados e vendo que ninguém se colocava ao lado dele, Garyos finalmente liberou as lágrimas, que a tanto tempo aprisionara dentro de si.

— Olha o que fez com sua filha pela segunda vez! Não se cansa de desprezar quem te ama? — Miridar deu um passo para trás, olhou para a fonte ainda sem sinais de que Lincy pudesse emergir. — Ela só queria salvar você e Nizla, e não tinha nenhuma obrigação de fazer isso... nenhuma.

— Eu não sabia quem ela era. — falou o rei inconformado.

— Por que é tão egoísta? Como acha que ela se sentia sendo rejeitada pela segunda vez pelo próprio pai? Tem ideia do quanto isso doía nela, do quanto passar por tudo aquilo novamente a perturbava? Se soubesse que era Alissya, abriria o seu coração ou continuaria achando que é algum complô contra você? — A coragem em cada palavra de Miridar inspirou aos demais, que se aproximaram colocando-se em círculo em torno de Garyos, não só para repreendê-lo, como também para ampará-lo.

— Eu não sei. — falou o rei em sinceridade, repleto em lágrimas. Pela primeira vez depois de muitos anos, começou a se encontrar com a realidade.

— Ao saber a verdade, pude finalmente compreender o porquê ela sentia aquelas coisas, —

manifestou-se Aliazar — mas a dor maior dela era por você, majestade. — Estendeu a mão ajudando-o a se colocar de pé.

— Ela não mentiu em nenhum momento, isso posso lhes afirmar. — Ikabe começou a chorar também, sensibilizado com a história — Tulion, rei de Goran, me enviou pelo apreço que sente por você, e temia que sua maneira intransigente de agir para com o teu povo e os demais reinos fizesse Nizla perecer.

— Temíamos o mesmo que Goran e, por isso, trouxemos Alissya do mundo em que ela estava. Ela havia usado uma magia negra de migração de alma para poder ter a vida que lhe fora tirada tão precocemente. Tudo o que queríamos, era que você enxergasse a situação e tornasse a ser o rei pacífico e amoroso que sempre fora antes. — O rei de Feron manifestou-se diplomaticamente, apresentando pesar em suas palavras. — Por nossa amizade, trouxemos sua filha de volta para você, pois acreditamos ser a única que seria capaz de chegar em seu coração.

— Ela submergiu até as profundezas. — O coração de Lunester estava pesado, observando a fonte. — Já era para ter saído... acho que ela se foi.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Eu sinto muito! Perdi minha filha pela segunda vez pelo mesmo motivo... pelo mesmo erro. — O rei também se aproximou da fonte, inundado por grande dor. Por segundos um impulso de mergulhar atrás dela tomou sua alma, mas foi impedido por uma lembrança em que ela lhe dizia “Talvez precise estender a mão para quem está próximo a você, e deixar o passado para trás para seguir adiante.” — Eu não quero errar assim com ninguém mais. Me perdoem, por favor!

O pedido de desculpas se referia a todos. Perla ainda estava de joelhos no mesmo lugar. Lincy ou Alissya, ela a amava como se fosse sua filha mesmo. Em sua cabeça ficou pensando que podia ter feito mais por ela, ter sido uma mãe melhor. O rei a olhou amorosamente e tonou a ela, para abraçá-la. O amor que sentia por ela aflorou novamente ao perceber que, em meio a tantas culpas, ele tinha uma esposa que ainda o amava.

No fundo da fonte, o coração de Lincy ainda batia. O julgamento dessa vez era maior, visto que eram duas vidas em uma alma para ser julgada. Todas as lembranças de suas duas vidas começaram a passar pela mente dela, enquanto, aos poucos, o fôlego da vida lhe era tirado.

PERIGOSAS ACHERON

No meio de tudo isso, a imagem de sua família e de seu verdadeiro amor, Caio, lhe vieram à mente. Ela não era Alissya, e sim Lincy! Não foi ela quem mergulhou na fonte a primeira vez, e não foi ela quem usou migração de alma. Ela não queria voltar a esse mundo e nunca quis ser Alissya novamente.

Se ela se aproximou de sua antiga vida novamente, foi porque ainda amava o pai, apesar de ele ter falhado tanto com ela. Tal amor e generosidade eram únicos e, por isso, a fonte julgou que ela era merecedora do maior dom de todos ao mergulhar na fonte pela primeira vez: “O dom do julgamento”.

Uma vez concedido o dom, este nunca lhe é tirado, e este dom adormecido dentro dela, tornou a acordar. Ela, além da fonte, era tida como apta a julgar e punir qualquer infração, ou mesmo para abençoar quando achasse o caso. Assim sendo, ela abriu os olhos e mesmo que tudo a julgasse culpada, ela poderia se julgar inocente.

Após esse contato tão próximo com aquelas águas mágicas, ela teve a certeza de que valia a pena amar, de que valia a pena viver e de que valia a pena ter escolhido ser uma boa pessoa.

O selo invisível do julgamento que estava no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

corpo de Alissya, já sepultado, foi então, transferido para a mão direita de Lincy e, enquanto todos choravam por sua perda, ela emergiu da fonte como na primeira vez, com asas de água reluzente, pousando suavemente sobre o solo. Resultado do julgamento: Inocente!

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XVIII

NOVO RUMO

Parecia inacreditável que Lincy tivesse saído de lá viva. Depois de quase vinte minutos de baixo da água, já não havia esperanças de que ela tivesse sobrevivido. Muitas revelações para um único momento, e pensar que isso tudo começou com a morte de Alissya.

Isso fez com que Lincy acreditasse que para tudo há um propósito de acontecer, mesmo que nem sempre entendamos o motivo das coisas acontecerem de uma determinada forma. No momento que Lincy saíra da água, a maioria dos magos já começara a se retirar dali, com exceção a Ragrim. Ele já sabia, claro, e como sempre guardara sua visão para si.

O som que produziu a saída brusca de Lincy da água, fez com que todos se virassem para olhar a cena com espanto. Ragrim fez exatamente o que prometera, não cometendo o mesmo erro duas

PERIGOSAS ACHERON

vezes. Dessa vez ele estava lá, para ver a saída resplandecente que ela fizera ao sair da fonte.

Lincy desceu lentamente enquanto as asas de água começavam a desmanchar, tocando suavemente os pés no chão. Seu rosto estava iluminado de um azul tão claro, que era quase branco e a marca do julgamento em sua mão caracterizada como uma balança, estava perfeitamente visível naquele momento. Enquanto sua aura humana, agora convertida em aura Halisiana parava de brilhar, a marca também foi ficando invisível.

— Você cumpriu! Ragrim... você está aqui! —
E correu para abraçá-lo.

Dentre todos os que estavam admirados vendo a cena, Garyos correu em direção à Alissya, pois queria muito abraçá-la e chamá-la de filha. Antes de alcançá-la, ela pegou na mão de Ragrim e pronunciou um feitiço de alto nível.

— Teletransporte.

Ambos estavam agora na saída daquele lugar, aos pés do monte.

— Pelo visto seus poderes voltaram.

— Sim! Mesmo eu não querendo mais ser Alissya, minha magia e meu dom foram

devolvidos.

— Isso porque você é uma pessoa digna e honrada. Garyos está arrependido de tudo que fez e disposto a ser alguém melhor. Parabéns, você conseguiu!

— Obrigada... Ragram, mas eu não pretendo ficar.

— Eu sei! — Sorriram um para o outro. Parecia como os velhos tempos — Temos mais três minutos até que cheguem aqui.

— Entendo. Graças a você, sempre pude voltar na hora após nossos treinos. Você me deu forças e me ensinou muita coisa, Ragram. Você me ensinou a acreditar, esperar e a perseverar. Você foi um pai para mim durante muitos anos aqui, e sou imensamente grata por ter conhecido você.

— Eu que sou grato, filha. Você me ensinou a amar novamente e a fazer o bem. Se eu estivesse no lugar de Alissya, eu já teria me rebelado há muito tempo. No fim, você me passou tanta sabedoria quanto eu a você.

— Alissya? — Garyos estava de mãos dadas a Perla. Sua voz estava carregada de emoção. Jeradar estava na frente dele, ao lado da família real de Feron... por isso chegaram tão rápido.

Perto do rei, a ponto de correr na direção de Lincy, estava Miridar. Já não havia mais lágrimas, apenas sorrisos sinceros. Alissya finalmente era reconhecida e amada. Garyos teve receio de correr ao encontro de sua filha dessa vez, então apenas aguardou que ela dissesse algo.

— Teletransporte! — Agora estava de frente para o pai.

— Meus poderes como Alissya voltaram. Ainda quer que eu desenterre meu antigo corpo?

— Não, minha filha... não. — E se abraçaram longo e calorosamente. Ambos desataram em lágrimas, agora de alegria. — Me perdoe, filha, por favor!

— Eu já te perdoei, pai... Antes mesmo de morrer. Era você que precisava se perdoar por tudo o que aconteceu.

— Agora estou em paz também, graças a você, minha pequena Alissya.

— Filha. — Perla começou a acariciar os cabelos de Lincy. Estava muito emocionada e a abraçou junto com seu marido. Kilas entrou no abraço e, em seguida, todos de Nizla fizeram o mesmo.

Durante o abraço em conjunto, Lunester iniciou

um *luminus* para o alto, e toda a sua família o imitou. Assim que o abraço foi se desfazendo, todos começaram a estender suas mãos liberando energia e toda a área ficou iluminada de azul. Era a forma que tinham para expressar a alegria deles.

— Tio, se quiser um duelo sem apelo emocional...

— Algo me diz que eu não te venceria. Me diga, mocinha, quando foi que ficou tão forte?

— Sempre que dava o toque de recolher, eu fugia para a floresta e Ragram me treinava. — Lincy esticou a mão para que Ragram se aproximasse. — Não quero mais inimizades com meu professor.

— Claro, minha filha — Garyos estava verdadeiramente gentil agora — você é minha herdeira e, de agora em diante, ficará a par de todas as decisões ao meu lado.

Lincy recuou um pouco. Isso era algo que ela já havia previsto, mas não conseguiria aceitar.

— Eu não pretendo ficar, pai. Eu não menti quando disse que não tinha interesse no trono.

— Mas você é minha única herdeira.

— Filha — apelou Perla — fique conosco.

— Alissya é quem eu fui, mas agora me chamo

PERIGOSAS NACIONAIS

Lincy e tenho um outro lar e uma outra vida. Se voltei foi porque Lunester me trouxe, e me pediu para ajudar a salvar Nizla. Pai, por favor, seja alguém melhor por mim e por todos.

— Não! Não quero que vá! — Miridar que se intrometeu agora. — Desculpe interromper, mas é que não posso aceitar te perder de novo. — Ele segurou a mão dela e a olhou profundamente nos olhos.

— Você foi o primeiro amor de Alissya, mas agora o coração de Lincy é de outro. Me desculpe se te fiz acreditar que tínhamos chance de ficar juntos. Aprecio a sua amizade e a lealdade que teve para comigo ao guardar meu segredo.

— Você sempre estará no meu coração, Alissya, e te amarei para sempre.

— E você no meu, Miridar, mas quero que siga adiante também e encontre alguém que o ame como merece.

Perla estava em lágrimas e saiu dali correndo. Garyos correu atrás dela e a pegou na mão.

— Nossa filha precisa de nós agora. Vamos nos despedir honradamente.

— Eu não quero que ela vá! Não quero perder minha filha.

PERIGOSAS ACHERON

Lincy caminhou em direção a seus pais e, elevando sua mão, enxugou as lágrimas de Perla com o dedo.

— Não chore, Perla, você não está só.

— E quer que fiquemos como? — Garyos estava inconformado. — Nossa única filha quer nos deixar, logo agora que recuperamos você.

— Não serei a única filha de vocês por muito tempo. Perla se mostrou uma ótima mãe e ainda lhe dará muitos filhos.

— Não posso ter filhos, eu não... — Lincy interrompeu sua madrastra, elevando o indicador até o lábio dela e, em seguida, segurou-lhe a mão.

— Pode sim, mãe, eu a julgo inocente e lhe abençoo a ser fértil. — O selo na mão de Lincy começou a brilhar, transmitindo paz e tranquilidade ao coração de Perla, que conseguia sentir a fundo essa energia boa e a forma como mexera em seu organismo.

— Obrigada, filha! — E tornaram a se abraçar. Tudo começaria a caminhar bem de agora em diante, e Nizla tornaria a ser o reino mais pacífico de Halis, como era antes. Ragrim podia ver tudo isso, bem como os filhos que Perla teria.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Capítulo XIX

LAR

As últimas lembranças dos pais de Alissya, de Ragrim e de Miridar tomavam a mente de Lincy, enquanto levitava para Feron juntamente com Lunester e seus familiares. A despedida afetuosa é o que tornara o momento ainda mais difícil, já que por trás de cada sorriso e abraço, havia uma dor que os acompanhariam a cada vez que se lembrassem... a saudade!

“Não tornarei a vê-los?” é o que se perguntava constantemente. Talvez fosse petulância sentir falta, uma vez que havia renegado sua antiga origem e, embora tivesse aceitado as lembranças, rejeitava terminantemente a vida que Alissya teve ou poderia ter dali em diante se ficasse.

Os raios de sol penetravam as folhas por entre as árvores atingindo seu rosto, e por vezes, parecia que queria lhe dizer algo. Ao se julgar inocente, condenou Alissya, contudo, a fonte também deu um

PERIGOSAS ACHERON

veredito a respeito, ao abençoar Lincy com os poderes de Alissya. Sim! A fonte decidiu que Alissya também era inocente, e que não havia como Lincy separá-las, por mais que ela quisesse isso naquele momento.

Num misto de sentimentos, o coração dela começou a bater mais forte quando avistou um imenso castelo à sua frente, o primeiro lugar em que pisara desde que retornou para enfrentar seu passado, e por ironia, também o último antes de retornar para seu lar.

— Missão cumprida, princesa. Acho que já está na hora de voltar para casa.

— Sim, acho que já passou da hora. Estou aqui há vários meses e minha família deve estar morrendo de preocupação. Além disso, fiquei de me encontrar com o Caio depois da aula. — Lincy colocou a mão na cabeça — Já devem ter recomeçado minhas aulas e eu não fiz a rematrícula.

Lunester riu, pegou uma caixa numa prateleira do cômodo e entregou-a para Lincy. Nela estavam as roupas que usava quando a trouxeram, incluindo a mochila.

— Vista-se e esteja pronta. Partiremos em dez

minutos.

— Sabe que posso voltar sozinha, não é? Recuperarei meus poderes.

— Mas não com toda a segurança que eu e Jeradar temos a oferecer. — replicou Lunester.

— Acho que tem razão.

Lunester deixou o cômodo e Lincy colocou suas roupas, que estavam um pouco mais folgadas.

— Eu emagreci? Nossa!

Colocando a mochila nas costas, olhou pela janela uma última vez. Era a mesma janela que despertou seu interesse quando chegara ali com os sóis que brilhavam direto nas 72h do dia. As novas lembranças desse mundo já não eram tão amargas como fora para Alissya e deixariam saudades.

Dali, partiu em direção à família real de Feron, despedindo-se respeitosamente de todos. Lunester ficou de frente para Lincy e Jeradar se posicionou atrás, tocando o ombro de Lunester que, ao se concentrar, convocou o portal. Quase um minuto depois, a mistura de cores do espaço tempo tomou forma e pousaram no chão. Estava chuvoso e começando a escurecer.

— Onde estamos? — perguntou Lincy desconcertada. Foram meses sem ver a chuva e o

entardecer.

— Não reconhece o lugar?

Ela começou a olhar com atenção as coisas ao seu redor e então percebeu que estavam num estacionamento no campus da UFES, próximo ao lugar em que ela tinha as aulas.

De longe ela conseguiu ver Jeferson com o celular na mão falando com alguém, e Camila e Sabrina ao lado, preocupadas.

— Não é possível! — Lincy estava ainda mais desconcertada. — Você mexeu com as linhas temporais também?

— Antes de te arrastar para Halis, Lembro de você ter dito que não podia ir... que tinha que esperar ali. Você merece isso, Alissya!

— Como conseguiu?

— Jeradar é nossa bússola. Ao imaginar esse mundo, ele se guiou em você e em achá-la no último instante que esteve aqui. Ao voltarmos para Halis, nos guiaremos novamente em você, no último momento que esteve lá e tudo voltará ao normal.

— Eu não teria todo esse controle. Vocês são incríveis! Obrigada!

— Acho que eu e Jeradar somos uma dupla

PERIGOSAS NACIONAIS

única. — Ele tornou a rir e em seguida pegou na mão de Lincy, beijando-a respeitosamente. — Foi um imenso prazer conhecê-la.

— Lunester, Jeradar... se cuidem. Se precisarem de mim novamente, sabem como me encontrar.

— Sabemos sim. Obrigado e adeus!

E mergulharam novamente no portal de volta. Dali, Lincy caminhou em direção à Jeferson que ainda estava no celular falando com a polícia.

— Lincy? Mas como? A poucos segundos você estava ali...

— É uma longa história, Sabrina.

— Um minuto — pediu Jeferson ao celular. — Onde estão aqueles homens?

— Da mesma forma como apareceram misteriosamente, foram embora para nunca mais voltar.

— Alô, esquece a queixa, não vai ser mais necessário vir. Os caras fugiram — mencionou Jeferson no celular. — Eles são malucos! Sério, tinham que ver o que fizeram, e não sei como...

— Você está bem? — perguntou Camila preocupada.

— Estou sim, não se preocupem. Boas férias meus amigos! Tenho que ir agora.

PERIGOSAS ACHERON

Lincy saiu correndo na chuva em direção à saída. Ela ainda estava muito desconcertada tentando lembrar de tudo detalhadamente dos últimos momentos ali. Enquanto corria, um carro se vira em sua direção e para.

— Meu amor, você está toda molhada! Não pedi para me esperar? — Caio abriu a porta, correu em direção à Lincy abraçando-a enquanto a levava em direção ao carro.

— Espera. — pediu Lincy emocionada.

— O que foi, meu amor? Você está bem?

Lincy o beijou como nunca havia feito antes e, se esquecendo da chuva, Caio a retribuiu prontamente. Ambos estavam encharcados agora, mas isso não importava.

— O que foi isso? — perguntou Caio, olhando-a nos olhos e colocando uma mecha de cabelo molhado atrás da orelha dela.

— Eu te amo! — Foi a forma que ela achou melhor para dizer que sentiu saudades sem fazê-lo ficar desconfiado.

Ele a pegou pela mão carinhosamente e abriu a porta do carro no carona para que ela entrasse. Em seguida, correu do outro lado para entrar no carro também. Antes de ligar a ignição, olhou para Lincy

e percebeu algo estranho.

— Seu cabelo parece bem mais comprido. Será que ando tão distraído para não ter visto ele crescer?

— É que está molhado, meu amor, por isso parece mais comprido.

— Falando em estar molhado, acho melhor irmos para casa nos trocar antes de irmos para a pizzaria.

— De acordo.

— Ótimo veredito.

— Acho que tenho vocação para julgar.

— E já julgou qual o sabor de pizza que vai escolher hoje?

— Com certeza!

Parecia que o tempo em breve iria abrir, pois as gotas de chuva começavam a cair em menor ritmo e entre nuvens, raios de sol do entardecer refletiam num prisma de cores. Lincy ficou alguns segundos encarando aquela linda visão do arco-íris se formando e o soar das últimas gotas batendo suavemente no vidro da frente em sincronia com o vai e vem do para-brisas. Por mais trivial que pudesse ser cada uma dessas características, o coração de Alissya sorria em Lincy, mostrando um

imenso apreço por essa nova oportunidade que a vida lhe concedera.

Por mais forte que acreditava ser, algo dentro dela tremulava frente ao futuro incerto cercado pelo fantasma da dor que vivenciara no passado. Apesar disso, suas memórias recuperadas não seriam um empecilho para o horizonte de emoções que estariam por vir, nem para as aventuras que seria capaz de realizar, pois, cada emoção era agora potencializada e cada gesto valorizado, visto que ela conhecera não só a maior dor, como também o verdadeiro amor.